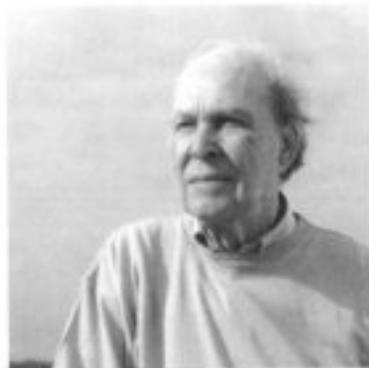


A Materna Casa da Poesia. Sobre
EUGÉNIO DE ANDRADE

Fernando Paulouro Neves



EUGÉNIO DE ANDRADE
*(Nome literário de José Fontinhas,
Póvoa da Atalaia, 1923)*

EUGÉNIO DE ANDRADE

Depois de ter vivido em Lisboa e Coimbra, fixou-se no Porto; mas sempre viveu, pela «Poesia, terra de minha Mãe», em relação com os territórios baixos e interiores da Beira. Desde *Adolescente* (1942) e sobretudo *As Mãos e os Frutos* (1948) e *Os Amantes sem Dinheiro* (1950), as palavras ganham valor mítico, graças à metáfora e ao ritmo. É nessa outra espécie de música que a poesia de Eugénio de Andrade transmite uma vivência fremente do corpo, do desejo, do amor – vivência perturbada pelo *Obscuro Domínio* (1972) do tema da morte, abalada pela presença materna (consagrada em *O Coração do Dia*, 1958), complementada pela alusão interventiva às «palavras interditas», inscrita numa reacção ao seu tempo que os poemas em prosa transpõem em *Memória de Outro Rio* (1978). Cada vez mais perfeito na brevidade do poema sem retórica (*Limiar dos Pássaros*, 1972; *Véspera da Água*, 1973), o lirismo de Eugénio de Andrade encaminhou-se para uma mais directa afirmação dos afectos e das circunstâncias (*O Sal da Língua*, 1995).



Comissão de Coordenação
e Desenvolvimento
Região do Centro



Portugal em Acção



Projecto co-financiado



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



A "Rota dos Escritores do Século XX" é um projecto de dinamização e intervenção sociocultural promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro. Os motivos simbólicos que centram e catalisam esta Rota dos Escritores são sete autores do século XX que, por diversos modos de vida e obra, se tornaram indissociáveis da Região Centro e que se notabilizaram pela categoria estética, pela força comunicativa e pelo impacto no espaço público:

Afonso Lopes Vieira (1878-1946)

Aquilino Ribeiro (1885-1963)

Miguel Torga (1907-1995)

Vergílio Ferreira (1916-1996)

Fernando Namora (1919-1989)

Carlos Oliveira (1921-1981)

Eugénio de Andrade (1923).

A MATERNA
CASA DA POESIA

SOBRE EUGÉNIO DE ANDRADE

FERNANDO PAULOIRO NEVES

A MATERNA
CASA DA POESIA

SOBRE EUGÉNIO DE ANDRADE

CÂMARA MUNICIPAL DO FUNDÃO
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO CENTRO
2003

Colecção: "Rota dos Escritores do Século XX"
Coordenação Científica: Prof. Doutor Seabra Pereira

Título: A Materna Casa da Poesia. Sobre Eugénio de Andrade
Autor: Fernando Paulouro Neves

Edição: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
Fotografia: Diamantino Gonçalves, Fundação Eugénio de Andrade,
Dario Gonçalves e arquivo do *Jornal do Fundão*

Coordenação de Edição: Ana Maria Saturnino
Coordenação Gráfica: Ana Maria Barbero
Capa: Ana Maria Barbero

Composição: Grafismos - Pedro Bandeira, Lda.
Impressão: Imprensa de Coimbra, Lda.

ISBN: 972-569-142-3
Depósito Legal: 203945/03

1ª edição: Dezembro 2003
Tiragem: 1000 exemp.

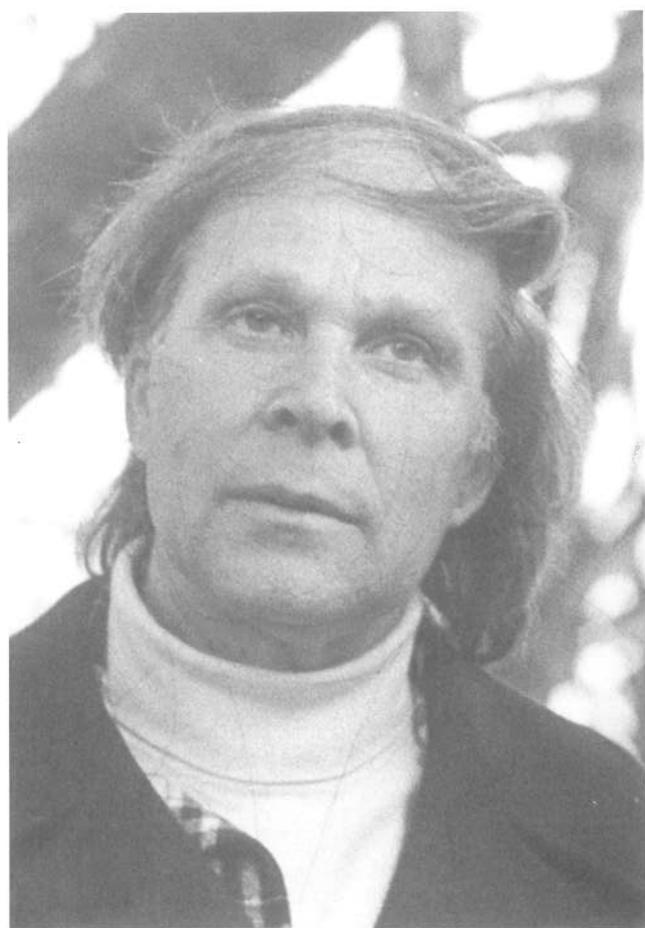
www.rotadosescritores.org

1. Uma biografia feita de versos

“É contra a ausência do homem no homem que a palavra do poeta se insurge, é contra esta amputação no corpo vivo da vida que o poeta se rebela. E se ousa «cantar no suplício» é porque não quer morrer sem se olhar nos seus próprios olhos, e reconhecer-se, e detestar-se, ou amar-se, se for caso disso, no que não creio”

Eugénio de Andrade, *Rosto Precário*







Pomal. 31

“A minha relação com as terras baixas e interiores da Beira é materna, quero eu dizer: poética”,⁽¹⁾ disse um dia Eugénio de Andrade, num daqueles textos belíssimos em que nos fala do seu mundo elemental e originário. Não me parece haver mais clara certidão de verdade, para usar palavras de Fernão Lopes, do que essa declaração de amor do poeta à raiz telúrica que os seus versos tão bem cantam e exaltam. E, no entanto, enganam-se os que pensam que essa partilha de afectos, essa geografia sentimental tão ancorada aos territórios da infância, foi sempre suave e branda como a música do harmónio ou os velhos cantares onde o lume da poesia alimentava já aquela força interior que, dizia Rilke, é verdadeiramente anunciadora da necessidade do acto poético.

Se a biografia dos poetas se deve buscar, primeiro que tudo, na sua obra, como Octávio Paz ensinou a propósito de Pessoa, a de Eugénio de Andrade está por inteiro plasmada nos seus versos, nas palavras edificadas ao longo de uma vida, pedra a pedra, como a casa ou a catedral que nasce das mãos dos pedreiros, ou no rigor da rega olhada na faina duma camponesa “dos arredores de Cantão, ou dos campos de Alpedrinha”: “... mão certa com a água/ /intimidade com a terra/ empenho do coração.”⁽²⁾

Sobre o lugar da Beira na poesia de Eugénio de Andrade tudo parece estar dito já, quer pelo poeta, que deu unidade a essa cartografia poética – “Poesia: Terra de Minha Mãe”⁽³⁾ – ou já se explicou num certo regresso às origens –

⁽¹⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, Edições O Jornal, Lisboa, 1990, pág. 281.

⁽²⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, Fundação Eugénio de Andrade, 2000, pág. 458.

⁽³⁾ *Poesia: Terra de Minha Mãe*, Edições Asa, Porto, 1992.

“Palavras no Fundão”, “Com as Cegonhas do Sul” e “A Única Razão”⁴ –, quer pelo Prof. Arnaldo Saraiva, talvez o mais persistente e sistemático estudioso da sua obra, grande amigo do poeta, seu companheiro na Fundação Eugénio de Andrade, que escreveu, aliás, o prefácio de “Poesia: Terra de Minha Mãe”, um belo texto intitulado “Terra-Mãe, Matéria Matriz”, assunto a que havia de voltar em “Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade”,⁵ e que já tinha fixado o percurso biográfico e bibliográfico do autor de “As Mãos e os Frutos” em dois volumes que, em 1987, acompanharam as Obras de Eugénio de Andrade, publicadas pelo Círculo de Leitores.⁶

Seja como for, a relação do poeta com o chão nosso da Beira nunca foi linear e quem ler com atenção alguns dos seus versos, ou da sua prosa poética, descobre às vezes o peso de um amargo ressentimento, como se no caso de Eugénio, o regresso aos “prazeres da memória”, na expressão de Marguerite Yourcenar, em que os territórios da infância são pródigos, implica sempre o dilaceramento interior que jamais deixa cicatrizar feridas antigas e fazem renascer as águas negras que a emoção faz agitar no poço da memória.

Mas outras “vertentes do olhar”, onde a alegria explode como a luz que ilumina as terras que se estendem no regaço da Gardunha, poisam, também, na evocação desses instantes onde avultam “o sol e a água”, uma declarada “paixão pelas coisas da terra” e uma fidelidade ao homem que a música e o rigor das palavras transformam numa obra que resume humanidade e pureza.

Com *palavras amo*,⁷ escreveu o poeta como se enunciasse um programa, para logo invectivar:

Sê tu a palavra
branca rosa brava⁸

A poesia como acto de despojamento, na busca incessante do essencial, faz parte do todo o caminho criador de Eugénio de Andrade, onde sobressaem valores essenciais como “a arquitectura e a nitidez das fronteiras” (Eduardo

⁴ *À Sombra da Memória*, Fundação Eugénio de Andrade, Porto, 1993, pág. 115 e ss.

⁵ *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, Fundação Eugénio de Andrade, Porto, 1995.

⁶ *Poesia e Prosa (1940-1986)*, 3 volumes, Edições Círculo de Leitores, 1987.

⁷ *Poesia*, Eugénio de Andrade, ob. cit, pág. 118.

⁸ *Poesia Eugénio de Andrade*, ob. cit., pág. 119.

Prado Coelho⁽⁹⁾), a “transparência, a leveza ou fluidez” (António Ramos Rosa⁽¹⁰⁾) ou “a invenção verbal, de sortílego e divinatório” (João José Cochofel⁽¹¹⁾).

Poucos trabalhos poéticos haverá que tenham alcançado desde o início essa sinceridade, com tamanha nitidez, tanto desprendimento de glória, tanta capacidade para olhar o efémero das coisas do mundo e da vida, para as fazer viver como realidades que estão para além do tempo, como Novalis dizia que a poesia devia ser na sua demanda de real absoluto.

“Ao publicar em 1942 o seu primeiro livro – *Adolescente* –, Eugénio de Andrade coloca-se no vértice do plano de irradiação do surrealismo mitigado pelo estro de Éluard”, assinala João Gaspar Simões, que considera ter anunciado a obra de Eugénio de Andrade “uma era nova do nosso lirismo da segunda metade do século, aquela que de certo modo prepara o regresso a uma espécie de neobarroquismo.”⁽¹²⁾

E, contudo, se Eugénio guardou bem da infância esses tesouros que alimentaram muitos dos seus versos, a sua relação com a Beira foi entrecortada de distâncias e de silêncios.

Até ao início da década de 90, tinha vindo à Povoia de Atalaia, uma vez “semi-clandestinamente” com Ernesto Veiga de Oliveira, e outra com Arnaldo Saraiva, quando, em 1976, regressou a Castelo Branco para “ler e comentar no Museu Tavares Proença Jr. meia centena de poemas seus.”⁽¹³⁾

Haveria de lá voltar, em 1992, mas o regime que então regia o Museu – estúpido regime – impediu até (ou tentou impedir) que o poeta pudesse ser fotografado por Dario Gonçalves junto a uma figueira emblemática, existente no pátio, sobre a qual Eugénio de Andrade escrevera, anos antes, um poema:

E quanta tarde houver inda a figueira
Ali estará desafiando a noite⁽¹⁴⁾

⁽⁹⁾ *O Reino Flutuante*, Eduardo Prado Coelho, Edições 70, Lisboa, 1972, pág. 204.

⁽¹⁰⁾ *Incisões Oblíquas*, António Ramos Rosa, Caminho, Lisboa, 1987, pág. 21.

⁽¹¹⁾ *Obras Completas*, João José Cochofel, *Iniciação Estética seguido de Críticas e Crónicas*, Caminho, Lisboa, 1992, pág. 277.

⁽¹²⁾ *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*, João Gaspar Simões, Arcádia, Lisboa, 1964, pág. 384.

⁽¹³⁾ *Eugénio de Andrade por Arnaldo Saraiva*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1987.

⁽¹⁴⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, op. cit., pág. 145.

Nessa visita, também não conseguiu ver obras que tinha oferecido ao Museu, à excepção de uma cabeça de Isabel Meyreles.⁽¹⁵⁾ Eugénio não esqueceu o facto. Durante as comemorações no Fundão dos seus 50 anos de vida literária (o poeta já oferecera uma máscara em bronze da autoria de Mestre José Rodrigues à Biblioteca Municipal do Fundão), aproveitou a presença da mulher do então Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, para lhe solicitar que intercedesse junto da Secretaria de Estado da Cultura (SEC), no sentido da escultura de Isabel Meyrelles e de dois retratos de Carlos Carneiro e Louis Durdil, “que têm estado no sótão do Museu Tavares Proença”, serem entregues ao Fundão.⁽¹⁶⁾ O pedido nunca foi satisfeito e a vontade do poeta continua por respeitar.

Antes, em Janeiro de 1974, a escasso tempo do 25 de Abril, o “Jornal do Fundão”, por ideia de António Paulouro, promoveu-lhe uma homenagem – e com o poeta seriam também homenageados José Cardoso Pires e o pintor Manuel Cargaleiro – acontecimento que teve expressão nacional.⁽¹⁷⁾

Foi a vez primeira que a Beira celebrou o poeta como um dos maiores da poesia portuguesa. Nesse final de Janeiro, com a presença de dezenas de escritores, jornalistas e artistas portugueses, Óscar Lopes falou da poesia de Eugénio de Andrade, que considerou uma poesia para-musical, tema, aliás, a que o ensaísta voltaria para uma obra notável “A música na poesia de Eugénio de Andrade.”⁽¹⁸⁾

“A poesia de Eugénio de Andrade faz parte de uma linhagem a que pertencem, por exemplo, algumas das poesias medievais portuguesas, algumas poesias do maneirismo, a poesia de Camilo Pessanha, e, mais recentemente, a de Nemésio ou de Herberto Helder”, afirmou então Óscar Lopes que analisou a sua riqueza metafórica e a fundura da sua relação com os elementos prototípicos dos filósofos metafísicos da Jónia.

Durante a sessão, realizada no Cine-Teatro Gardunha, com uma assistência superior a mil pessoas, registou-se um acontecimento curioso, que à distância

⁽¹⁵⁾ O poeta, com alta ironia, comentou o facto: “Esta [a escultura de Isabel Meyreles] tínhamo-la na nossa frente, num soco simples, elegante; mas dos outros retratos [retratos de Luís Durdil e Carlos Carneiro] não havia rastro. Indaguei o que se passava, informaram-me que a actual conservadora os mandara recolher à cave, ou à arrecadação, ou lá como se chama o lugar onde se põem essas coisas sem préstimo, ou de reserva (...)”. *Poesia Terra de Minha Mãe, op. cit.*, pág. 145.

⁽¹⁶⁾ *Jornal do Fundão* n.º 2415, de 4 de Dezembro de 1992, reportagem: “Eugénio de Andrade uma festa dentro da poesia”.

⁽¹⁷⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 1412, de 3 de Fevereiro de 1974.

⁽¹⁸⁾ *Jornal do Fundão*, *idem*.



Com Augusto Abelaira, na homenagem do Fundão, em Janeiro de 1974



O poeta com José Cardoso Pires e Óscar Lopes, em Janeiro de 1974, no Fundão



Com Eduardo Prado Coelho, no Fundão, em Janeiro de 1974



Eugénio de Andrade e António Paulouro na homenagem prestada pelo
Jornal do Fundão em Janeiro de 1974



Com os familiares de Jaime, durante a estreia no Fundão do filme com o mesmo nome, realizado por António Reis (Janeiro de 1974)

do tempo ganha renovado interesse, pela projecção cultural dos intervenientes, um e outro muito ligados à obra de Eugénio de Andrade.

O maestro e compositor Lopes Graça (que em 1960 dera expressão sinfónica aos poemas de “As Mãos e os Frutos”), que ouvia a dissertação de Óscar Lopes, interrompeu, a dada altura, o orador para questioná-lo:

“Com todo o respeito, com toda a amizade que me merece o Óscar Lopes, eu pergunto onde está o poeta Eugénio de Andrade...”

E logo, Óscar Lopes respondeu: “Acha que estou a afastar-me do Eugénio de Andrade? Quer ter a paciência de esperar mais dois minutos? O Lopes Graça verificará que o que tenho estado a dizer tem cabimento em relação à poesia de Eugénio de Andrade...”

Retomando a sua intervenção, o autor de *Uma Espécie de Música (A Poesia de Eugénio de Andrade)* explicou: “O que eu quero dizer é que um dos aspectos mais perturbantes da poesia de Eugénio de Andrade, um dos aspectos – permito-me lembrar – é a extraordinária dinâmica da referência que nos faz sentir existirem outros objectos para além daqueles que facilmente se podem parafrasear numa estrutura em que a linguagem poética se aproxima muito da linguagem musical, coisa que interessa muito particularmente a Lopes Graça.”⁽¹⁹⁾

«O som de uma humanidade a inventar», eis a definição magistral de Óscar Lopes para a poesia de Eugénio de Andrade que, desde então, guardei como descoberta original e pista inovadora de leitura.

De facto, lá estava, com grande nitidez, a surpresa de uma arte poética onde «a ocultação do sujeito visível» é a depurada procura de um sentido universal para versos que têm sempre aquela força demiúrgica que nos tocam fisicamente como a brisa do mar, como dizia Borges, ou que vivem connosco, pele contra pele, como o próprio poeta um dia me disse da matéria de inquietação que é a poesia.

Não foi também isso, afinal, que Óscar Lopes quis dizer quando considerou, na referida homenagem, que a poesia de Eugénio «é como o som com que as próprias coisas ganham a palavra, num modo que é o modo de uma humanidade a inventar, através de todas as agonias pessoais, no único milagre real, o milagre de haver mundo e uma voz que o fala, e uma voz que é através de nós a esperança incoercível, maior do que nós, numa gana de teimar que vale a pena viver, apesar de tudo»?⁽²⁰⁾

⁽¹⁹⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 1412, de 3/2/1974.

⁽²⁰⁾ *Jornal do Fundão*, *idem*.

Em toda a obra de Eugénio de Andrade encontramos sempre um canto em louvor da dignidade humana. Melhor que todas, as palavras do poeta explicaram na sua “Poética” essa fidelidade, esse humanismo “rente ao dizer”:

«(...) É contra a ausência do homem no homem que a palavra do poeta se insurge, é contra esta amputação no corpo vivo da vida que o poeta se rebela. E se ousa «cantar no suplício» é porque não quer morrer sem se olhar nos seus próprios olhos, e reconhecer-se, e detestar-se, ou amar-se, se for caso disso, no que não creio.»⁽²¹⁾

Para Eugénio de Andrade, «a ambição maior do fazer poético foi sempre a mesma: *Ecce Homo*, parece dizer cada poema»⁽²²⁾. E logo acrescenta o autor:

«Eis o homem, eis o seu efêmero rosto feito de milhares e milhares de rostos, todos eles esplendidamente respirando na terra, nenhum superior a outro, separados por mil e uma diferenças, unidos por mil e uma coisas comuns, semelhantes e distintos, parecidos todos e contudo cada um deles único, solitário, desamparado. É a tal rosto que cada poeta está religado. A sua rebeldia é em nome dessa fidelidade. Fidelidade ao homem e à sua lúcida esperança de sê-lo inteiramente: fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais fundas; fidelidade à palavra que no homem é capaz da verdade última do sangue, que é também verdade de alma.»⁽²³⁾

Não há melhor glória para a poesia do que este despojamento em favor de uma humanidade que é a medida de todas as coisas, intemporal desafio à própria possibilidade da felicidade. É aí, nesse canto de sentido universal, que parece ser dom que os deuses quiseram conferir aos poetas para desafiarem a temporalidade. No fundo, aquilo que inteligentemente Eduardo Prado Coelho, num ensaio antigo, afirmou da arte poética do autor de “Os Afluentes do Silêncio”: “Se a poesia exige do homem desfigurado um esforço violento para a recuperação do seu rosto, é aí que ela encontra a sua enorme dignidade: a arte, fiel ao homem, propõe essa fidelidade em palavras de escândalo, revolta e negação. O ponto de reconciliação é o silêncio; todas as palavras são afluentes.”⁽²⁴⁾

⁽²¹⁾ *Poesia e Prosa*, Edições O Jornal, Lisboa, 1990, pág. 275. O texto Poética pertence ao livro *Rosto Precário*, Limiar, 1979.

⁽²²⁾ *Op. cit.*, pág. 276.

⁽²³⁾ *Op. cit.*, pág. 276.

⁽²⁴⁾ *O Reino Flutuante*, Eduardo Prado Coelho, Edições 70, Lisboa, capítulo «Eugénio de Andrade: Corpo e Palavra», pág. 205, 1972.

Ou, citando Jorge de Sena: «Nunca a poesia, é certo, transformou o mundo – mas o mundo nunca se transformaria sem ela».⁽²⁵⁾

A Beira foi um problema que o poeta teve consigo mesmo, longe mas sempre presente, território fundo de inspiração, matéria solar que decerto fazia bater mais depressa o coração sempre que a memória poisava na «relação materna» com estas terras que, como ele disse, prolongam o Alentejo.

Lembro-me bem de uma viagem a Praga, numa delegação em que Eugénio era figura central, que cimentou uma amizade e um convívio que o tempo fez crescer como aquelas árvores que parece terem dentro de si o tempo todo do mundo. Foi ele que me abriu as portas de Praga através de uma leitura de circunstância que levava consigo, um artigo de Jorge Listopad publicado numa revista universitária de Geografia, salvo erro da Faculdade de Letras do Porto, precisamente intitulado “Sete Chaves para entender Praga”, isto é, para descobrir aquela civilização urbana e cultural, porventura a música de Smetana e o universo labiríntico de Kafka.

Não me esqueci de como, então, para atenuar as horas de viagem, falámos na Beira, tentando eu entusiasmar o poeta a uma visita a Póvoa de Atalaia. Não recusou, *in limine*, a sugestão, antes pressenti alguma alegria no regresso a essa geografia sentimental.

“Não me ponho à frente da música, mas...”, disse-me então, pressentindo eu no silêncio que se seguiu a vontade de um regresso.

Mas só em 90, o desejo se concretizou. Eugénio de Andrade telefonou-me um dia a dar-me conta que vinha com o fotógrafo Dario Gonçalves visitar Póvoa de Atalaia, marcando encontro no “Jornal do Fundão”.

Não faltou emoção a esse reencontro com a Beira, que acompanhei como companheiro de jornada. Pude, então, assistir ao nascimento da poesia, na medida em que os instantes vividos por Eugénio deram origem a poemas de primeira grandeza e a vária prosa, que nele é sempre poética, como aquele em que o poeta, mais uma vez, foi tocado pela presença das mulheres de preto que às vezes parece que vemos «vestidas de sombra».⁽²⁶⁾

⁽²⁵⁾ *Poesia de 26 Séculos*, Antologia, tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena. Fora do Texto, Coimbra.

⁽²⁶⁾ Expressão colhida em “Le Dernier des Mondes”, de Christoph Ransmayr, Le Livre de Poche, Flamarion, 1989.

Há muito que são velhas, vestidas
de preto até à alma.
Contra o muro
defendem-se do sol de pedra:
ao lume
furtam-se ao frio do mundo.
Ainda têm nome? Ninguém
pergunta, ninguém responde.
A língua, pedra também.⁽²⁷⁾

Diríamos estar perante qualquer coisa de intemporal que acompanha o poeta na sua aventura cósmica, em que o ser se afirma como real absoluto (Novalis), superior à própria vida. No fundo, talvez aquilo que António Houaiss escreveu sobre João Cabral de Melo Neto ao assinalar uma virtualidade que, no caso da poesia de Eugénio de Andrade, como já referimos é constante (a fidelidade ao homem): “Em se tratando de bom poeta – e o conceito de bom gira aqui em torno da afectividade sentida pelo contemplador – a tendência para o extenso traduz antes uma capacidade de tensão mais demorada em função do que é costume chamar inspiração. E essa inspiração maior de fôlego decorre do facto de que deixa ela de haurir no jogo ou no artifício as suas fontes, para ir bebê-las em algo mais real, mais válido, e mais importante para o homem – o homem mesmo.”⁽²⁸⁾

Como no poema “Mulheres de Preto”, eis uma temática, de facto, de “inspiração maior” nos versos de Eugénio. Num poema de “Sal da Língua”, o poeta explicita essa presença, menos como obsessão e mais como uma espécie de espelho de imagens tutelares que “vêm da infância”.

Vêm da infância, essas mulheres.
Caladas, discretas, sem pressa
de existir. Esplêndidas mulheres essas,
penteadas com a risca ao meio,
as orelhas descobertas pelo cabelo
de sombra clara.
No seu coração o mundo
não era tão pequeno e o que faziam
não lhes parecia humilhação.

⁽²⁷⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 473.

⁽²⁸⁾ *Drummond mais seis poetas e um problema*, António Houaiss, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, pág. 214.

Sabiam envelhecer com a vagarosa
luz das crianças
e dos animais da casa.
A par da rosa.⁽²⁹⁾

Não esqueço o momento de ter ouvido o poeta dizer pela primeira vez um dos seus textos de prosa poética, onde, porventura, a dimensão universal da sua escrita irrompe de forma total, deslumbrante poema em prosa, que o autor me confidenciaria, anos depois, numa entrevista, ser “talvez o mais notável texto em prosa que eu tenho do ponto de vista poemático.”⁽³⁰⁾

Esse texto foi apresentado nas II Jornadas da Beira Interior, realizadas em Monfortinho pelo *Jornal do Fundão* e que materializaram uma homenagem a Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e Abel Manta.

Eugénio de Andrade retomou então, de certa forma, o “falar materno” para dar voz a palavras carregadas de sentido como se o mundo, o nosso e o de todos os homens, ali tomasse corpo através de um texto que, sílaba a sílaba, nascia dos lábios do poeta. Uma dádiva sublime. “Foi uma certa geografia da própria infância, que fiz questão que viesse à tona” e “é bastante um texto daqui e um texto de todo o mundo.”⁽³¹⁾

Um texto de todo o mundo onde o “maior fôlego de inspiração”, se quiséssemos confirmar Houaiss, assume a plenitude da criação. Sempre que regresso a essas páginas a emoção acontece e as palavras fazem bater mais depressa o coração.

As Mães

* Quando voltar ao Alentejo as cigarras já terão morrido. Passaram o verão todo a transformar a luz em canto – não sei de destino mais glorioso. Quem lá encontraremos, pela certa, são aquelas mulheres envolvidas nas sombras dos seus lutos, como se a terra lhes tivesse morrido e para todo o sempre se quedassem orfãs. Não as veremos apenas em Barrancos ou em Castro Laboreiro, elas estão em toda a parte onde nasce o sol: em Cória ou Catânia, em Mistras ou Santa Clara del Cobre, em Varchats ou Beni Mellal, porque elas são as Mães. A tua; a minha, se não tivera morrido tão cedo, sem tempo para que o rosto viesse a ser lavrado pelo vento. Provavelmente estão aí desde a primeira estrela. E como duram! Feitas de urze ressequida, parecem imortais. Se o não forem, são pelo

⁽²⁹⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, ob. cit., Pág. 517. Volume que reúne a obra de Eugénio de Andrade, onde se inclui “Sal da Língua”.

⁽³⁰⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 1412, de 3 de Fevereiro de 1974.

⁽³¹⁾ *Jornal do Fundão*, entrevista citada.

menos incorruptíveis, como se participassem da natureza do fogo. Com mãos friáveis teceram a rede dos nossos sonhos, alimentaram-nos com a luz coada pela obscuridade dos seus lenços. Às vezes encostam-se à cal dos muros a ver passar os dias, roendo uma côdea ou fazendo uns carapins para o último dos netos, as entranhas abertas nas palavras que vão trocando entre si; outras vezes caminham por quelhas e quelhas de pedras solta, batem a um postigo, pedem lume, umas pedrinhas de sal, agradecem pela alma de quem lá têm, voltam ao calor animal da casa, aquecem um migalho de café, regam as sardinheiras, depois de varrerem o terreiro. Elas são as Mães, essas mulheres que Goethe pensa estarem fora do tempo e do espaço, anteriores ao Céu e ao Inferno, assim velhas, assim terrosas, os olhos perdidos e vazios, ou vivos como brasas assopradas. Solitárias ou inumeráveis, aí as tens na tua frente, graves, caladas, quase solenes na sua imobilidade, esquecidas de que foram o primeiro orvalho do homem, a primeira luz. Mas também as podes ver seguindo por lentas veredas de sombra, as penas pouco ajudando a vontade, atrás de uma ou duas cabras, com restos de garbo na cabeça levantada, apesar das tetas mirradas. Como encontrarão descanso nos caminhos do mundo? Não há ninguém que as não tenha visto com umas contas nas mãos engelhadas rezando pelos seus defuntos, rogando pragas a uma vizinha que plantou à roda do curral mais três pés de couve do que ela, regressando da fonte amaldiçoando os anos que já não podem com o cântaro, ou debaixo de uma oliveira roubando alguma azeitona para retalhar. E cheiram a migas de alho, a ranço, a aguardente, mas também a poejos colhidos nas represas, a manjerico quando é pelo S. João. E aos domingos lavam a cara, e mudam de roupa, e vão buscar à arca um lenço de seda preta, que também põem nos enterros. E vede como, ao abrir, a arca cheira a alfazema! Algumas ainda cuidam das sécias que levam aos cemitérios ou vendem nas feiras, juntamente com um punhado de maçãs amadurecidas no aroma dos fenos. E conheço uma que passa as horas vigiando as traquinices de um garoto que tem na testa uma estrelinha de cabrito montês – e que só ela vê, só ela vê.

Elas são as Mães, ignorantes da morte mas certas da sua ressurreição.”⁽³²⁾

A poesia de Eugénio de Andrade e a sua prosa poética consubstanciam uma profunda raiz telúrica como se ela se alimentasse daquelas fontes inesgotáveis, que não têm princípio nem fim, onde “as águas reflectem o silêncio” e “o subterrâneo rio das palavras” corre sempre ao encontro da luz, numa “paixão pelas coisas limpas da terra, inexoravelmente limpas.”⁽³³⁾

⁽³²⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, págs. 412 e ss.

⁽³³⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 393.

2. Territórios da infância, “falar materno”

“Numa aldeia da Beira Baixa, provavelmente em Julho ou Agosto, quando a força da canícula entra até pelas frestas mais estreitas da noite e nos impede de dormir, uma melodia sobe no clarão da lua, e inesperadamente acaricia o corpo pequeno, intranquilo e solitário que era então o meu. Acabo de falar no nascimento da poesia e da música...”

Eugénio de Andrade, *Poesia, Terra de Minha Mãe*



O ano em que Eugénio de Andrade nasceu – 1923 – é o ano de nascimento de Mário Cesariny (9 de Agosto), Natália Correia (13 de Setembro), Eduardo Lourenço (23 de Maio) e Urbano Tavares Rodrigues (27 de Dezembro). Mas 1923 é também um ano rico em acontecimentos literários: Rilke publica “Sonetos a Orfeu”, Yeats ganha o Prémio Nobel da Literatura, Cocteau dá à estampa “Desatino”, Colette “Verdes Amores”, Gorki “As Minhas Universidades”, Raul Brandão “Os Pescadores”, “O Doido e a Morte” e “O Gebo e a Sombra”, Florbela Espanca “Livro de Soror Saudade”, Raul Proença o “Guia de Portugal”. É um ano fecundo em termos criadores: Picasso pinta “Os Namorados”, Klee “Sindbad, o Marinheiro”, Léger “O Homem do Cachimbo”, Max Ernst “A Mulher Oscilante”, Bartok compõe suite de danças para orquestra, Falla a ópera “O Retábulo de Mestre Pedro”, Honneger “Pacífico 231”, Kodaly a ópera “Háry János” e “Psalmus Hungaricus”; e, no cinema, é tempo de “Os Nibelungos”, de Fritz Lang, “Socorro!” de Abel Gance, “Lucros Ilícitos” de George Pallu, “A Opinião Pública” e “O Peregrino” de Chaplin, “Rosita, cantora das Ruas” de Lubitsch e “Os Dez Mandamentos”, de Cecil B. De Mille. É ainda o ano da morte de Katherine Mansfield, Sarah Bernhardt e de Guerra Junqueiro.⁽³⁴⁾

Muitos destes acontecimentos, senão todos, não chegaram ou chegaram muito fragmentariamente à Póvoa de Atalaia, onde Eugénio de Andrade nasceu

⁽³⁴⁾ *Cronologia do Século*, Neville Williams, Philip Waller e John Rowett, Círculo de Leitores, 1999.

a 19 de Janeiro de 1923, ao romper da manhã.⁽³⁵⁾ Dia da festa de S. Sebastião, orago em que a dimensão colectiva e solidária da Festa das Papas assume um carácter quase mítico, quer pela raiz iniciática da participação dos jovens mordomos, quer pela dádiva das papas e dos coscuréis como prática distributiva, num costume já referenciado no século XVI.⁽³⁶⁾

Ainda hoje a aldeia se veste de alegria que culmina no desfile onde se incorporam longas filas de mulheres levando à cabeça os açafates, cobertos de panos de linho bordados e lindíssimas “entre camas”, presas com flores (não faltam cravos vermelhos). Agora, como aconteceu de forma explícita em 2003, quando, no dia 19 de Janeiro, se iniciou em Póvoa de Atalaia a Rota dos Escritores da Região Centro⁽³⁷⁾ (Eugénio de Andrade é um dos autores celebrados) a festa parece que canta também os parabéns ao poeta que, afinal, celebrizou o nome da terra.

Em Janeiro de 1923, quando o poeta nasceu, Póvoa de Atalaia não respirava decerto o ar de felicidade dos dias de hoje. É agora uma freguesia com matriz urbana mais confortável e igualitária. Atenuaram-se os traços das desigualdades e o quotidiano mostra um certo dinamismo económico e social.

Não era assim na década de 20. A aldeia possuía, é certo, a certidão de antiguidade⁽³⁸⁾ de que nestas terras a igreja matriz parece ser a síntese mais

⁽³⁵⁾ É comprovadamente a data de nascimento, como o poeta atestou e as biografias registam, como no livro citado de Arnaldo Saraiva. Todavia, segundo o registo civil, com base em declaração apresentada por sua mãe, Maria dos Anjos Fontinhas, Eugénio de Andrade foi dado como nascido às 20 horas do dia 1 de Fevereiro de 1923, o que coincide com o registo de baptismo, realizado a 2 de Março, na igreja de Póvoa de Atalaia. O Prof. Candeias da Silva regista esta contradição, mas assevera que isso acontecia por aqueles tempos com certa frequência. Tratava-se “de um estratagema comum para escapar à multa do registo tardio, já que aos emolumentos e ao imposto de selo do ‘civil’ (no caso 3\$96) ninguém podia eximir-se”. Ver *O Concelho do Fundão – História e Arte* – Joaquim Candeias da Silva, págs. 264 e ss, ed. Câmara Municipal do Fundão, 2002.

⁽³⁶⁾ *Festas e Tradições Portuguesas – Janeiro*, de Jorge Barros e Soledade Martinho Costa, Edição Círculo de Leitores, 2002, pág. 186.

⁽³⁷⁾ O início da Rota dos Escritores teve Eugénio de Andrade por figura central. Em Castelo Novo, precisamente no dia 19 de Janeiro de 2003, numa sessão a que presidiu o ministro da Cultura, Pedro Roseta, Arnaldo Saraiva, que representava Eugénio de Andrade, leu um texto do poeta, a que nos referiremos mais adiante.

⁽³⁸⁾ Pequena povoação medieva e rural, mas com múltiplos testemunhos materiais de ocupação romana, cujo processo de repovoamento na Reconquista, como assinala Joaquim Candeias da Silva na obra citada, onde aponta o provável nascimento da Póvoa “à sombra de um foral régio ou senhorial (quem sabe se o de Alpreada, de 1202?)”. *Op. cit.*, págs 255 e ss.

perfeita, mas que se pode ver também na topografia avulsa da terra, na silhueta de casas mais abastadas que então não eram mais do que uma ténue fronteira com a generalidade da pobreza. E depois, caminhando pela planura, dominante só os campos de onde se divisa a Gardunha – a madre orográfica –, onde os traços das desigualdades eram, como sempre, o reflexo da posse da terra.

Enquanto a Europa e a América eram sacudidas pelo progresso e por surpreendentes descobertas, prenunciadoras que um admirável mundo novo (o tempo das máquinas tão bem descrito por Sadoul a propósito da invenção do cinema) estava a bater à porta da actualidade – tinha-se saído de uma guerra e outra não era ingenuamente compaginável com a realidade – a civilização rural à portuguesa era a solidão da pobreza e do trabalho escravo, embora o folclore salazarista roesse a consciência colectiva com o elogio de uma pobreza purificadora que havia de escancarar aos pobres as portas do paraíso.

É possível descobrir no registo de velhos cantares da Beira, de mulheres a cantar – imagem tão viva dos territórios da infância de Eugénio – cantares magoados das fainas do campo que chegaram aos nossos dias, alguns graças ao saber e à persistência de Fernando Lopes Graça e de Michel Giacometti, um quotidiano de suor por conta alheia e de uma vida avergoada ao peso do trabalho, em que as camponeses eram as primeiras vítimas.

Quem teve a sorte de ouvir Catarina Chitas, de Penha Garcia – mulher do campo analfabeta, que foi também pastora, tecedeira, cozinheira de bodas, mas sobretudo poeta popular e tocadora de adufe – cantar a Cantiga da Ceifa, percebe esse traço identificador de uma cultura milenar, banhada pelo sol, a caminho do sul, mas surpreendente na expressão dramática da vida.⁽³⁹⁾

O poeta nunca foi alheio a esta realidade e na sua prosa poética essa sinalização é muito rigorosa, quando ele nos fala do nascimento da música:

“Uma das mais recuadas imagens dos meus dias é uma mulher a cantar. Com a sua voz antiquíssima e branca, aquela mulher, à distância de cinquenta anos, continua a embalar-me o coração. As palavras eram de um romance popular, sumarentas, cheias de sol; falavam de amor e de morte, de paz e de guerra, de coisas que não sabia exactamente o que fossem, mas que permaneciam em

⁽³⁹⁾ Essa cantiga está documentada na *Antologia da Música Regional Portuguesa*, de Fernando Lopes Graça e Michel Giacometti. No registo, Catarina Chitas, que foi a informante e a cantadora, tinha 56 anos. Morreu em 2003 com 96 anos.

mim como pequenos nós de sombra ou breves manchas luminosa. O tecido da vida deveria ter a transparência daquelas palavras, já que o pulsar do universo não podia deixar de ser idêntico àquele ritmo amplo e seguro, em perpétua expansão.

A esta imagem, transbordante de ser, não tardaria a juntar-se outra mais secreta: a música do harmónio. Numa aldeia da Beira Baixa, provavelmente em Julho ou Agosto, quando a força da canícula entra até pelas frestas mais estreitas da noite e nos impede de dormir, uma melodia sobe no clarão da lua, e inesperadamente acaricia o corpo pequeno, intranquilo e solitário que era então o meu.

Acabo de falar no nascimento da poesia e da música, como se ambas jorrassem da mesma fonte; acabo de falar da arte do desejo, embora só alguns anos mais tarde viesse a pedir àquelas águas o que outros pedem ao amor: que me matasse a sede de alegria”⁽⁴⁰⁾

A aldeia portuguesa era como ainda hoje é, em larga medida, um microcosmos. Vivia ainda e sempre entre a igreja e o cemitério⁽⁴¹⁾ e, em muitos casos, prolongava, em traumas de longa duração, o isolamento e o atraso que Aquilino Ribeiro magistralmente retrata em “Aldeia – Terra, Gente, Bichos”, um romance que é do mesmo passo um inovador retrato do que muitos anos depois se chamaria antropologia cultural.⁽⁴²⁾

Durante uma boa parte do século XX, Portugal iria permanecer um país de vilas e aldeias e escassas cidades, como bem caricaturou, num notável ensaio, Vitorino Magalhães Godinho,⁽⁴³⁾ e essa debilidade urbana constituiu uma pesada limitação civilizacional. A população das cidades não ultrapassava os 14,7% e a esperança de vida não ultrapassava os 35,8 anos.⁽⁴⁴⁾ «Um mundo de pequenas coisas» é um pouco a imagem arquetípica que emerge da globalidade do país, num espaço dominado por aldeias isoladas e terras de agricultura, «um universo geográfica e culturalmente fechado e longínquo que é a comunidade aldeã, onde ainda se queimavam “feiticeiras” nos anos 30»⁽⁴⁵⁾, onde a única saída ou perspectiva de esperança era o êxodo rural para a estranja ou para a cidade grande.

⁽⁴⁰⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, Eugénio de Andrade, pág. 51, Edições Asa, 1992.

⁽⁴¹⁾ *Le Territoire de l'historien*, Le Roy Ladurie, Galimard

⁽⁴²⁾ *Aldeia – Terra, Gente, Bichos*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1964.

⁽⁴³⁾ *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Vitorino Magalhães Godinho, Arcádia, 2.ª edição, 1965, Lisboa.

⁽⁴⁴⁾ *Portugal Século XX*, Joaquim Vieira, Círculo de Leitores

⁽⁴⁵⁾ *História de Portugal*, direcção de José Mattoso, VII Vol.

Adivinha-se a manhã do dia 19 de Janeiro de 1923, quando o poeta nasceu em Póvoa de Atalaia. Eram mais longos e rigorosos os Invernos, batidos pelos ventos frios que, vindos das alturas nevadas da Estrela ou da Gardunha, entravam pelas frestas e vadiavam, com o fumo, nas casas de telha vã, onde o fogo, ao canto, era elemento vital.

Eugénio de Andrade nasce, pois, quando a luz começa a erguer o dia. Vou ao registo que do acontecimento fez Arnaldo Saraiva, no percurso biográfico do poeta: “(...) A mãe, Maria dos Anjos, nasceu do casamento em primeiras núpcias de Guilherme, prestigiado mestre-de-obras, e de Juana, espanhola de Valverde del Fresno (Cória), onde aquele ia executar trabalhos e onde levaria algumas vezes o neto. O pai, Alexandre, era filho de camponeses abastados. Embora se tratasse de um dia festivo na aldeia – celebrava-se a mais importante festa local, em honra de S. Sebastião –, o nascimento do menino, a que então foi dado o nome de José Fontinhas (Eugénio de Andrade seria uma escolha que se impôs na publicação do primeiro livro⁽⁴⁶⁾) não foi bem visto pelas famílias, dada a sua “irregularidade”. O casamento dos pais viria a efectuar-se, mas durou pouco, e mais contribuiu para a rasura que o poeta fez da figura paterna.”⁽⁴⁷⁾

Esta é uma questão sempre presente que o poeta não disfarça e sobre a qual há-de escrever de forma dramática. De facto, como noutra ensaio Saraiva assinala, “o carácter bipolar de Eugénio de Andrade pode medir-se bem na diferença de atitude perante as figuras fundamentais da mãe e do pai; e não deixa de ter naturais e específicas correspondências na sua obra literária”, pois “se o antigo menino da sua mãe nunca disfarçou, que mais não fosse pelo silêncio (e até pelo silêncio do nome) o ódio ao pai, a sua obra adulta representará, até pela sua música e pela sua luminosidade, uma vitória que não é meramente edipiana, porque o é afinal contra todas as instâncias interditorias da vida eufórica e plena.”⁽⁴⁸⁾

A complexidade deste universo interior do poeta está bem expressa neste extracto do texto que dá nome ao livro “Poesia, Terra de Minha Mãe”:

⁽⁴⁶⁾ Nome que significa “bem nascido”, como argutamente sublinhou Arnaldo Saraiva ao falar na homenagem que lhe prestaram por ocasião dos 50 anos de Vida Literária, num texto magnífico que depois figura como introdução ao volume *Poesia, Terra de Minha Mãe*, e no volume, já citado *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*.

⁽⁴⁷⁾ *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, de Arnaldo Saraiva, *op. cit.*

⁽⁴⁸⁾ O Poeta e a sua Poesia: Linhas de Força, Mestria, in *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, de Arnaldo Saraiva, *op. cit.*

“(…) Lembro-me com rigor do nosso primeiro encontro, da primeira vez que nos fitámos nos olhos. Eu devia ter uns cinco anos e andava com a mãe e as tias no lameiro: elas regavam, eu chafurdava nos regos de água entre o milho altos e os feijoeiros pesados. De repente, minha mãe disse-me: – Vem aí o teu pai. –É impossível que não tivesse já ouvido aquela palavra, mas a mim sempre me pareceu que a escutara então pela primeira vez. Olhei: no caminho que passava rente às nossas terras, ele ia-se aproximando a cavalo, a mãe dele ao lado, na égua; certamente fora esperá-lo, à estação, haviam atravessado a Póvoa, e agora ali estavam, cada vez mais próximos, a caminho do monte do Ribeiro, de que ela era soberana e ele vassalo obediente. Eu estava em cima de um cômodo, na minha frente o senhorito parara o cavalo. Olhava-me, sem se apear para um beijo ou uma festa. Também não me mexi nem disse palavra. Por fim, ouvi-lhe a voz: – Andas descalço? – Foi minha mãe, que não estava longe, sem contudo ter interrompido o trabalho, quem lhe respondeu: – Diz-lhe que te compre umas botas, que tem obrigação disso. – Então, ele meteu a mão no bolso do colete, tirou umas moedas, talvez fossem escassas, pediu ajuda à mulher do lado, que se desculpou de não ter dinheiro, aproximou-se mais, a mão estendida. Recusei, virando-lhe as costas. Sem uma palavra, corri para minha mãe: só ela era meu pai, o homem que vinha de ver pela primeira vez ia recusá-lo a vida inteira. Inteiramente.”⁽⁴⁹⁾

Este texto foi publicado, em 1979, no livro de prosa “Rosto Precário”, mas a realidade que o corporiza é um tempo longo na arte de Eugénio de Andrade, como mostra um poema, intitulado *À Boca do Poço*, publicado em 1992, em *Rente ao Dizer*. O poema foi escrito na sequência da visita que efectuou à Póvoa, já referida, em que Eugénio recorreu a geografia da infância.

Repare o leitor na tensão dramática do poema, que é um regresso ao acontecimento descrito no texto a que aludimos atrás:

À Boca do Poço

Às vezes, até a morte pode ser
condescendente: à boca do poço
para o cavalo, não chega a desmontar,
mas consente que te demores
a contemplar as águas negras,
o rebanho de chocalhos distantes,
as macieiras perto,
os seus frutos estranhamente acesos⁽⁵⁰⁾.

⁽⁴⁹⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 57.

⁽⁵⁰⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *ob. cit.*, pág. 47.



“... o grito negro das águas – ouço-o raspar, trepar pelas paredes, / morrer à boca do poço”



Caminhando pela planura onde os traços das desigualdades
eram o reflexo da posse da terra

Mas o o poço voltará a rondar a arte poética de Eugénio de Andrade, mais tarde, no livro “O Sal da Língua”⁽⁵¹⁾, como no poema que intitulou

Ainda o Poço

O que me traz o verão não é
o desabrido
e ácido canto das cigarras
que o sol
ajudou a subir à coroa
dos pinheiros;
não é o mar, o mar entrando
pelas janelas,
o mar repetido de boca
em boca;nem as aves
que nascem da sua ondulação
e tanta vez fazem ninho
nos meus versos;
hoje o que me traz o verão
é o grito
negro das águas – ouço-o
raspar, trepar pelas paredes,
morrer à boca do poço.⁽⁵²⁾

⁽⁵¹⁾ *O Sal da Língua*, Eugénio de Andrade, Fundação Eugénio de Andrade, 1995.

⁽⁵²⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 538.

3. Um ser da terra

“Falar da terra ou da mãe é falar da mesma coisa. Quando digo mãe, digo terra, quando digo terra digo mãe”

Eugénio de Andrade, *Rosto Precário*



Luz. Mais luz. Dizem que foram estas as últimas palavras proferidas por Goethe.⁽⁵³⁾ Luz é uma palavra chave na poesia de Eugénio de Andrade, que nenhuma outra é feita de tanta “matéria solar” como a sua.

Quando o ser da luz for
o ser da palavra,
no seu centro arder
e subir com a chama
(ou baixar à água),
então estarei em casa.⁽⁵⁴⁾

Essa claridade, que explode em mil e uma transparências, levou-a ele destes campos de Póvoa de Atalaia, desta Beira que lhe deu o mundo elemental que nunca mais o abandonou, mesmo quando o pastoreio do olhar navega por viagens de longa distância.

Escrevo para fazer da luz
velha dos corvos
o limiar de outro verão⁽⁵⁵⁾

A luz, pois, como as maternas águas onde mergulha o mundo mais elemental, como o branco do muro, ou as fontes, os amieiros ou os sinais das primeiras neves (“*A primeira neve. E tão antiga*”), as nascentes “*onde as estrelas bebem*”,

⁽⁵³⁾ *Liberdade, Liberdade*, Flávio Rangel e Millôr Fernandes, Editora Civilização Brasileira S.A., 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1966, pág. 158.

⁽⁵⁴⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 389.

⁽⁵⁵⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 498.

os álamos, “*a terra de palha rasa*” ou “*a matinal restolhada dos pardais*”, tudo vem ao reencontro da “materna casa da alegria”, colhida neste chão nosso da Beira e sobretudo em Póvoa de Atalaia – a materna casa da poesia.

A multiplicação
da luz torna mais limpo o ar⁽⁵⁶⁾

Essa claridade (“*Regresso então à luz, só ela não envelhece*”), que se abre aos versos todos e ilumina a terra onde a poesia de Eugénio de Andrade, à semelhança de Umberto Saba,⁽⁵⁷⁾ cava fundo à procura de tesouros, aqueles tesouros que só os que foram tocados pelos deuses são capazes, através da escrita, de trazer da obscuridade.

A terra como elemento primordial, que implica uma visão totalizante e uma comunhão plena com a natureza. António Ramos Rosa, que longamente tem reflectido sobre a poesia moderna, assinala que “o poeta é um ser da terra, movido por energias primordiais, aberto livremente ao mundo.”⁽⁵⁸⁾ E, com perspicácia, no ensaio já citado sobre a magia da linguagem de Eugénio de Andrade, sublinha que na procura da plenitude da palavra “toda a poesia é uma incorporação de um tempo primordial, um retorno à origem, ao começo absoluto.”⁽⁵⁹⁾ E considera que “na poesia de Eugénio de Andrade há a busca de um reino perdido, que tanto pode ser a infância como o amor ou a realidade originária, que tantas vezes consubstancia a terra”:

Uma palavra ainda
para sentir a terra
uma palavra
onde descubra a boca
acesa, o corpo do amor⁽⁶⁰⁾

A procura da palavra é a procura da terra e do desejo, diz Ramos Rosa, que aí filia a raiz da nostalgia e da melancolia em muitos poemas de Eugénio.⁽⁶¹⁾

⁽⁵⁶⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*

⁽⁵⁷⁾ *Dez Poetas Italianos Contemporâneos*, em selecção, tradução e notas de Albano Martins. Dom Quixote, 1992.

⁽⁵⁸⁾ *A Parede Azul*, António Ramos Rosa – Estudos sobre poesia e artes plásticas, Caminho, Lisboa, 1991, pág. 22.

⁽⁵⁹⁾ *Incisões Oblíquas*, António Ramos Rosa, *op. cit.*, pág. 24 e ss.

⁽⁶⁰⁾ *Incisões Oblíquas*, *op. cit.*

⁽⁶¹⁾ *Op. cit.*

Mas o que importa trazer aqui é a posse do tempo primordial, “o retorno à origem”, que a poética do autor de “As Mãos e os Frutos” explicita a cada passo.

É curioso observar um dos poemas de “Sal na Língua”, que figura na parte final da sua obra antológica, intitulado precisamente “Verdade Poética”. Aqui o poeta questiona-se nos seguintes termos:

Há quanto tempo estás aí, na eira
ou no telhado, esgadanhando
o pão difícil sol a sol,
aceitando as migalhas do nosso coração,
compartilhando entre a poeira
a cama da nossa obscura condição;
irmão do libidinoso e romano
pássaro de Catulo; sempre
à nossa roda, mais verdade poética
que criatura natural, como um poeta
americano disse do pardal.
Hoje é um português nada orgulhoso
de o ser que te abre as portas
do poema e te convida a entrar,
pois não fizeste do teu canto um luxo
nem traficaste com o bem comum –
por isso como os garotos da rua
descobres o gosto da vida
até num charco de água turva.”⁽⁶²⁾

Há quanto tempo estás aí? – interroga ele. E nós, que sabemos como as raízes da sua poética são uma espécie de âncora presa à Beira, quase poderíamos responder: uma vida inteira. É como se da eira ou do telhado de que falam os versos estivesse a olhar o tempo passado, como se poisasse na infância e na realidade originária e nessa navegação alimentasse versos cheios de memória, de afectos e de sol.

A casa é térrea, prolonga a eira,
o olival. Desde cedo
conheceste o sal
dos olhos às portas do sol.
Rastejar, em menino,

⁽⁶²⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 524.

pela terra apura o ouvido:
nenhum rumor de ave
ou pulsação de sapo se perdia.
Também ouvias
de vaga em vaga o silêncio,
cada sílaba crescer para o trigo.⁽⁶³⁾

Essa cartografia sentimental acompanha o poeta em outras geografias, como ele claramente mostra no poema que intitulou “Fim de Outono em Manhattan”:

Começo este poema em Manhattan
mas é das oliveiras de Virgílio
e de Póvoa d’ Atalaia que vou falar.
É à sombra das suas folhas
que os meus dias
cantam ao sol.
A sua canção vem do mar,
mas é com as cigarras e o trigo
maduro que aprendem a morrer.
O ar debaixo dos seus ramos dança, alheio à luz suja de Manhattan.⁽⁶⁴⁾

A propósito do *Orpheu*, Eugénio Lisboa citava uma entrevista célebre de Gauguin para sublinhar como todo o movimento renovador e revitalizador “traz em si um desejo de “renascer”, de redescoberta da vida, de regresso ao ponto original, de reconquista de uma visão de infância”. E citava: “Para fazermos novo”, afirmava Gauguin, “é preciso regressarmos às origens, à humanidade da infância.”⁶⁵

A obra de Eugénio de Andrade está repleta de “humanidade de infância”, e nessa realidade espaço-temporal colhemos a sua relação com a paisagem física e humana da Beira, às vezes descrita assim, quase cinematograficamente:

⁽⁶³⁾ Ofício de Paciência, Eugénio de Andrade, in *Poesia, op. cit.*, pág. 504.

⁽⁶⁴⁾ Ofício de Paciência, in *Poesia, op. cit.*, pág. 500.

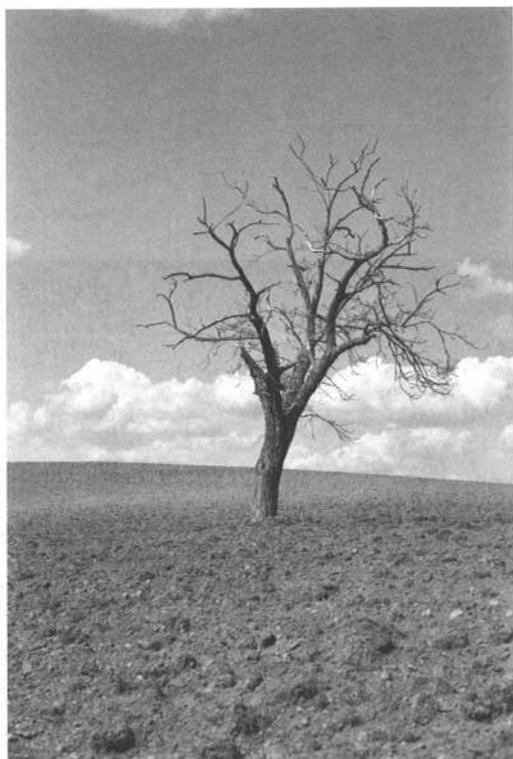
⁽⁶⁵⁾ Paul Gauguin, in Noa Noa, ed. & Etc, Lisboa, 1977, pág. 11. Citada por Eugénio Lisboa em “Poesia Portuguesa: do “Orpheu” ao Neo-Realismo, Biblioteca Breve, Ministério da Educação, 2.ª ed., 1986.



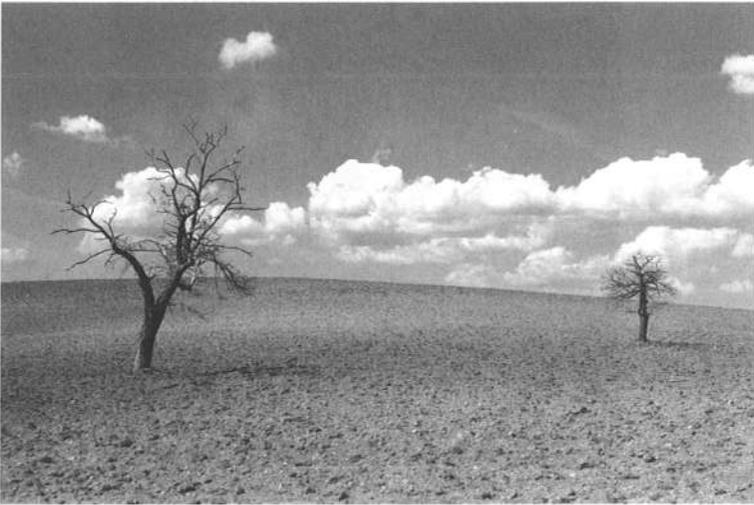
“Também ouvias / de vaga em vaga o silêncio / cada sílaba crescer para o trigo”



“A luz onde as cigarras ao arder / desafiam os cardos”



“O descampado, ...”



“... os sulcos da sede”

A terra de palha rasa,
a matinal
restolhada dos pardais,
o brusco branco do muro,

a luz onde as cigarras ao arder
desafiam os cardos,
o pão duro de cada dia,
a poeira onde assomam cabras,

o rasteiro coaxar
das rãs em águas apertadas,
o uivo ralo dos cães,
a marca do fogo no avesso da pele,

o descampado, os sulcos da sede.⁽⁶⁶⁾

Como em Carlos Drummond de Andrade, que estimava a poesia de Eugénio,⁽⁶⁷⁾ encontramos nos seus versos “uma visão da vida”, totalizante, na qual confluem “os tempos pretéritos naquilo que são conhecidos ou naquilo em que perduram, como presenças ou resíduos, reais, imaginários ou fantásticos, o que faz do seu tempo presente, *ipso facto*, uma realidade, uma imaginação, uma fantasia, lançadas no futuro.”⁽⁶⁸⁾

Mas o seu fazer poético – sempre aberto ao mundo e ao homem – tem uma matriz fundadora, e é aqui que a Beira Baixa assume uma realidade espacial determinante, como aliás Arnaldo Saraiva já assinalou, por mais de uma vez. É claríssimo que nesse cenário se impõe imediatamente a figura da mãe, como referência totalizante, que Óscar Lopes intuiu⁽⁶⁹⁾ como síntese de *materialidade*, ideia, aliás, que Luís Míquel Nava e Angel Crespo retomam no belíssimo texto de apresentação do álbum “O Amigo Mais Íntimo do Sol,”⁽⁷⁰⁾ salientando “o que da terra – ou seja, material – se comunica a essa voz [a voz da mãe]. Eugénio de Andrade, ao referi-la para nela radicar a sua poesia, fá-lo não pelo que

⁽⁶⁶⁾ Contra a Obscuridade, in *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 383.

⁽⁶⁷⁾ Citado por Arnaldo Saraiva in *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, edição Círculo de Leitores, 1987.

⁽⁶⁸⁾ *Drummond mais seis poetas e um problema*, *op. cit.*, pág. 17.

⁽⁶⁹⁾ *Uma Espécie de Música*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1981, págs. 92 e ss.

⁽⁷⁰⁾ Eugénio de Andrade, *O Amigo Mais Íntimo do Sol (Fotobiografia)*, Fundação Eugénio de Andrade e Campo das Letras, 1998.

então ouvisse a mãe cantar (“Do mundo turvo daqueles versos só me deve ter ficado a música”, acrescenta-nos ele em “Sem abrigo para tanto amor”), mas pelo facto de ser ela, a voz dela, quem cantava – e será essa voz, compreendida assim também aqui como matéria, uma das coisas que ele irá tentar reconquistar na sua escrita.”⁽⁷¹⁾

Neste aspecto, parece-me mais conclusiva e coerente a leitura que sobre esta questão Arnaldo Saraiva empreendeu no ensaio “Terra-Mãe, Matéria e Matriz Poética”,⁽⁷²⁾ onde alude às “referências tematizadas à terra” sublinhando que “ela pode aparecer como motivo de alegria ou de inquietação, pode ser fecunda e luminosa ou pode ser pouca e pobre, atravessada por sombras, frios, doenças, noites angustiosas, mas aparece sobretudo como a mãe, a mãe que alguns antropólogos ou mitólogos chamam a Grande Mãe Telúrica, por vezes confundida com a Grande Mãe Aquática – de onde vêm e para onde vão a vida e as pessoas.”⁽⁷³⁾ Para logo acrescentar: “Matéria e matriz, lugar de nascimento e renascimento (“Voltarei naturalmente/ como as primeiras folhas verdes”⁽⁷⁴⁾), lugar de origem a que se se regressa na morte, na necessidade ou no desejo, a mãe-terra facilmente se identifica com a *mater*, mãe dos homens. E Eugénio de Andrade bem o sabe, ele que até escreveu textualmente: Falar da terra ou da mãe é falar da mesma coisa. Quando digo mãe, digo terra, quando digo terra digo mãe.”⁽⁷⁵⁾ Por isso ele que tanto amou a sua mãe, como sugerem tantos textos, não podia deixar de amar a sua terra e em especial a sua terra natal, que é o seu território e o seu terreiro predilecto, que lhe forneceu os elementos ou instrumentos fundamentais para a compreensão do mundo e da vida, que lhe permitiu e ainda permite, mau grado a distância no tempo e no espaço, estabelecer mediações entre o antigo e o novo, entre o morto e o vivo, entre a memória e o futuro. A Beira Baixa, e em especial a Póvoa de Atalaia, é pois para Eugénio de Andrade também o “locus nascendi” de que falam os psicanalistas na esteira de Jacob Levi Moreno (o fundador do psicodrama): um lugar para nascer e renascer, para ter e compreender as primeiras sensações ou percepções.”⁽⁷⁶⁾

A transcrição do texto de Saraiva, embora longa, parece-me imprescindível para perceber a raiz telúrica e o lugar central que a mãe ocupa na sua obra.

⁽⁷¹⁾ Eugénio de Andrade, *O Amigo Mais Íntimo do Sol*, *op. cit.*, pág. 13.

⁽⁷²⁾ *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, *op. cit.*, pág. 32 e ss.

⁽⁷³⁾ *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, Arnaldo Saraiva, *op. cit.*, pág. 42 e ss.

⁽⁷⁴⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, 4.^a edição, pág. 28.

⁽⁷⁵⁾ *Op. cit.*, pág. 362 (do livro “Rosto Precário”).

⁽⁷⁶⁾ Arnaldo Saraiva, *op. cit.*, pág. 42 e ss.

Esta simbiose com a terra parece-me, aliás, bem explícita quando o poeta é convocado a falar da sua poética.

A este propósito é muito conhecido o texto que Eugénio intitulou “Sem abrigo para tanto amor” e cujo primeiro parágrafo diz assim:

“Por mais voltas que dê, é sempre a minha mãe que vou ter quando me ponho a imaginar como é que a poesia se me cravou tão fundo na carne. À minha mãe e àquele lugar onde os meus sentidos despertaram para uma luz atravessada por um chiir de carros de bois pelas quelhas, a caminho das terras baixas dos lameiros. É sempre àquela fonte que regresso. Nela bebi os primeiros versos, os heptassílabos dos romances tradicionais, essa herança que aos poucos me foi confiada, sem que ninguém pudesse prever como viria a delapidá-la, ou a preservá-la, se disso fosse capaz. Do mundo turvo daqueles versos só me deve ter ficado a música, mas se deles me tivesse restado mais alguma coisa, se algumas partículas se houvessem desprendido, e sedimentado lentamente no fundo da alma, só poderiam ter sido as da melancolia, que outras águas dificilmente correrão pelo nosso romanceiro.”⁽⁷⁷⁾

Como quem traça um programa ou avalia o itinerário poético, ouvimos o poeta dizer:

“A minha relação com as terras baixas e interiores da Beira é materna, quero eu dizer: poética. A tão grande distância do tempo em que ali vivi os primeiros oito anos da minha vida, o rosto de minha mãe confunde-se com a cor doirada do restolho e daquela terra obscura onde emergem uns penedinhos com giestas à roda, e alguns sobreiros de passo largo a caminho do Alentejo. Mas também os olivais de muros baixos de pedra solta me chegam nas suas falas, as dela e as de toda essa gente de Póvoa de Atalaia, camponeses na sua quase totalidade; e quando o não eram, o seu ofício era ainda o de uma relação privilegiada com as coisas da terra: pedreiros, carpinteiros, ferreiros. Fora destes mesteres, o restante da população lavrava, semeava, sachava, colhia. Ou pastava o gado, e fabricava queijo, azeite, vinho, pão. Lembro-me do cheiro dos lagares, das queijeiras, do forno, da forja – eram cheiros que entravam pelas narinas como tantos outros, mas só esses se infiltravam no sangue e aí ficaram, depositados em sucessivas camadas, para sempre, como ficou o aroma das estevas e do feno. E ainda o das folhas secas dos castanheiros, trazidas às carradas e despejadas ao lado do balcão...”⁽⁷⁸⁾

⁽⁷⁷⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 111.

⁽⁷⁸⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, *op. cit.*, pág. 55.

E mais adiante, para dissipar quaisquer dúvidas, se as houvesse, Eugénio de Andrade repete:

“Depois da ceia, arrumada a cozinha, às vezes, minha mãe sentava-se no balcão e cantava. Cantava um desses romances de que eu entendia melhor o ritmo do que as palavras. E não tardava que outras vozes se misturassem com a sua, e não raramente se lhes juntava o som ácido de um realejo, ou o do harmónio, menos acidulado. E foram esses ritmos, essas palavras de misterioso significado que me cativaram e passaram aos meus versos, mas isso só o soube muitíssimo mais tarde, depois de percorrer em livros outros caminhos. Porque esta é a poesia que sempre foi a minha: uma voz que no corpo se faz alma para que noutras almas regressasse ao corpo. Essa poesia teve origem nestas terras, entre a luz esfarelada e a poeira levantada por cabras e ovelhas, rompeu na boca e nos olhos daquela gente, despertou com o calor de outros corpos em enxergas de folhelho ou sobre a palha rala de alguma choça de pastor, quando eu, anos mais tarde, ali vinha ritualmente passar as férias grandes – grandes, grandes, grandes, grandes, porque então nem os dias nem as noites tinham fim.”⁽⁷⁹⁾

Haverá melhor certidão de nascimento para a poesia de Eugénio de Andrade e para a matriz da sua obra do que as palavras do poeta? Parece que não. E de tal forma estes instantes se tornam sinais referenciadores de uma arte poética cuja alta qualidade lhe confere persistentemente dimensão universal, que os versos parecem beber nessa inesgotável fonte para se transformarem em música ou em luz, que é essa a magia – ou uma das magias – das palavras e dos versos do autor de “Os Amantes Sem Dinheiro”.

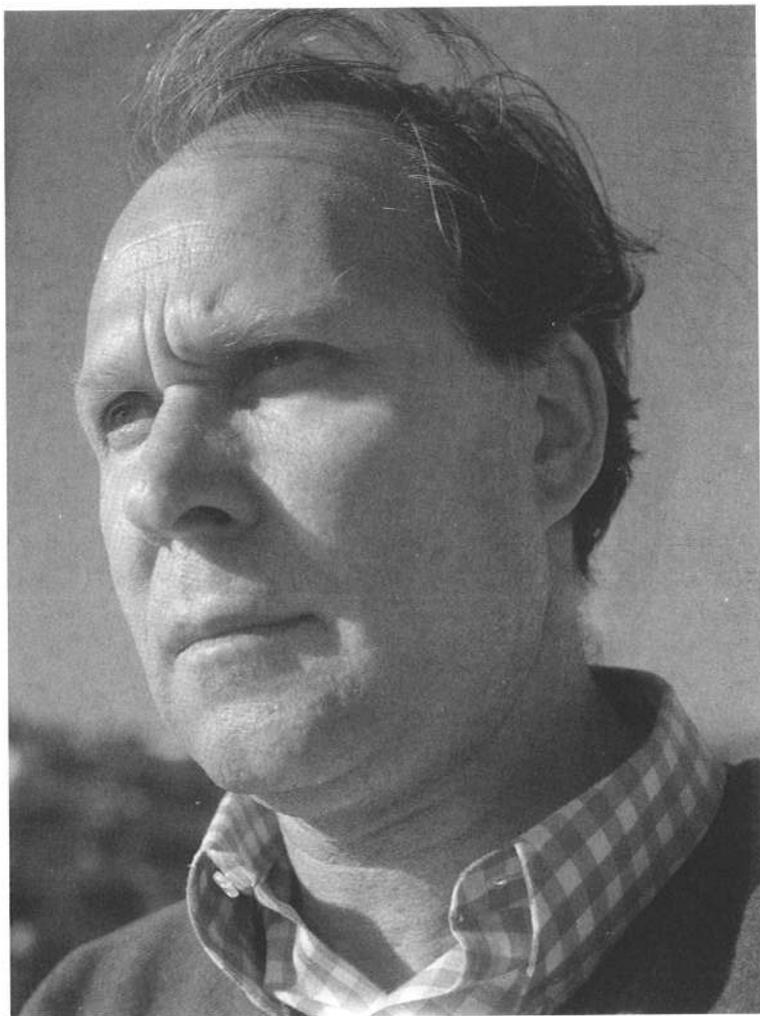
⁽⁷⁹⁾ Poesia, *Terra de Minha Mãe*, op. cit., pág. 56.

4. Um céu de camponeses

“Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água”

Eugénio de Andrade, *Poesia e Prosa*







Retratos de Eugénio de Andrade pelo traço de Augusto Gomes, Júlio Pomar e Carlos Carneiro

Foi filho do camponês, nasceu a infância numa das
loas aldeias da Beira Baixa que trouxeram o Alentejo
e, desde pequeno, de abundante só comêz o sol e a
jeia. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por es-
tar cheio do ar arifante e ser talido de airda
mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente novas
sãas. São essas poucas coisas que os meus olhos veem
e exaltam. A terra e a água, a luz e o vento consu-
etamizava-se por dar corpo a todo o ar e do
que a airda poesia é capaz. As airdas veem nãa.
Ihãa desde a infância no mundo mais elemental. Foi
do esse tempo o gosto por uma arquitetura extrema
nãa clara e despida, que os ^{meus} poemas tamã se têm
empulgado em refletir: o ar e pela brancura da cal,
a que se airda invariavelmente, no meu espírito, o
canto deuro das cigarras; uma preferência pela
leitura talada, quase reducida às palavras nãas
e limpas de um cerimonial arcaico - o da comuni-
ção das necessidades primárias do corpo e da alma.
Dessa infância trouxe tamã o desprezo pelo tempo,
que nos seus múltiplas formas é sempre uma de-
gradação; a plenitude dos instantes em que o
ser arifante inteiro nas suas águas, talvez por-
que autã o mundo não estava dividido, a luz cir-
culida, o bem e o mal compartilhados; e, ainda,
uma repugnância por todos os dualismos, tamã do
gosto da cultura ocidental, sobretudo aqueles que
conduzem à mineralização do desejo num caráter
de honra. A paixão, de que tamã se tem falado
a propósito da airda poesia, é, simplesmente paixão,
uma paixão pelas coisas de terra, na sua forma mais
ardente e ainda não consumada.

Eugénio de Andrade



“Altas árvores onde o sol e a chuva / adormecem na mesma folha”

Nunca o céu de camponeses deixou de aquecer o seu labor poético, como se estivéssemos perante alguma coisa genesíaca consubstanciadora de todos os lumes, seiva identificadora de tudo aquilo que é vida e amor e terra. E, ao mesmo tempo, fonte das oferendas corporais que simbolicamente ela respira.

Ele próprio o disse numa das suas entrevistas: “Devo ao céu camponês da minha infância esse princípio de paixão que me leva a procurar nas palavras o rumor do mundo”⁽⁸⁰⁾.

Curiosamente, o primeiro inédito que o “Jornal do Fundão” publicou do poeta⁽⁸¹⁾, depois incluído no volume “Até Amanhã”⁽⁸²⁾ e mais tarde em “Poesia”⁽⁸³⁾ é uma “serenata” em que o canto de amor é configurado pela natureza de um universo ruralizante pontuado de bondade e de elementos naturais:

Venho ao teu encontro a procurar
bondade, um céu de camponeses,
altas árvores onde o sol e a chuva
adormecem na mesma folha

Não posso amar-te mais,
luz madura, espaço aberto.
Não posso dar-te mais do que te dou:
Sangue, insónias, telegramas, dedos.

⁽⁸⁰⁾ *Poesia e Prosa*, op. cit., pág. 348.

⁽⁸¹⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 468, 29 de Janeiro de 1956.

⁽⁸²⁾ *Até Amanhã*, 1956, 10.ª edição Limiar Porto, 1990.

⁽⁸³⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, op. cit., pág. 77.

Aqui estou fronte pura, rodeado
de sombra, de soluços, de perguntas.
Aceita esta ternura surda,
este jasmim aprisionado.

Nos meus lábios, melhor: no fogo,
talvez no pão, talvez na água,
para lá dos suplícios e do medo,
tu continuas: matinalmente.

Eugénio de Andrade partiu para o mundo com esse céu de camponeses e essa bondade natural, desde os primeiros versos, como agora podemos ver com nitidez na obra em que reuniu toda a produção não enfeitada, num poetar em que jamais há traição à fidelidade à terra e ao Homem. Tesouros que nunca mais perdeu, desde a Canção Infantil:

Era um amieiro.
Depois uma azenha.
E junto um ribeiro.

Tudo tão parado.
Que devia fazer?
Meti tudo no bolso
para os não perder.⁽⁸⁴⁾

Ou paisagens que se tornaram companheiras dos dias:

Entre pinheiros três casas.
Uma azenha parada.
Uma torre erguida
de fraga em fraga
contra o céu de cal.
E um silêncio talhado
para o voo de um moscardo
alastra de casa em casa,
sobe à torre abandonada
e sobre a azenha parada
tomba desamparado.⁽⁸⁵⁾

⁽⁸⁴⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, Primeiros Poemas, pág. 12.

⁽⁸⁵⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 13.

Questão sempre sua na perplexidade dos instantes ou na solidão dos dias em que a tutelar imagem materna povoa o tempo:

Antes que perca a memória
das pedras do adro,
antes do corpo ser
um só e quebrado
ramo sem água,
devolvi-me o canto
rouco
e desamparado
do harmónio na noite.

Mãe!,
desamparado na noite.⁽⁸⁶⁾

Talvez nenhum texto explique tão bem a sua biografia como aquele em que Eugénio de Andrade fala da sua origem e da identificação da sua poesia com as coisas simples da terra, com a essencialidade de um mundo cuja materialidade transparece em toda a sua arte poética e de que estas palavras são, decerto, paradigmáticas:

Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio do amor vigilante e sem fadiga de minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam. A terra e a água, a luz e o vento consubstanciaram-se para dar corpo a todo o amor de que a minha poesia é capaz. As minhas raízes mergulham desde a infância no mundo mais elemental. Guardo desse tempo o gosto por uma arquitectura extremamente clara e despida, que os meus poemas tanto se têm empenhado em reflectir; o amor pela brancura da cal, a que se mistura invariavelmente, no meu espírito, o canto duro das cigarras; uma preferência pela linguagem falada, quase reduzida às palavras nuas e limpas de um cerimonial arcaico – o da comunicação das necessidades primeiras do corpo e da alma. Dessa infância trouxe também o desprezo pelo luxo, que nas suas múltiplas formas é sempre uma degradação; a plenitude dos instantes em que o ser mergulha inteiro nas suas águas, talvez

⁽⁸⁶⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 96, de *Coração do Dia*, 1958, 11.ª edição, FEA, 1994.

porque então o mundo não estava dividido, a luz cindida, o bem e o mal compartimentados; e, ainda, uma repugnância por todos os dualismos, tão do gosto da cultura ocidental, sobretudo por aqueles que conduzem à mineralização do desejo num coração do homem. A pureza, de que tanto se tem falado a propósito da minha poesia, é simplesmente paixão, paixão pelas coisas da terra, na sua forma mais e ainda não consumada.⁽⁸⁷⁾

Percebe-se assim melhor o que disse, na citada entrevista, a que Arnaldo Saraiva alude também no ensaio “Terra-Mãe, Matéria e Matriz Poética,”⁽⁸⁸⁾ quando o jornalista o questionou sobre o que tinha trazido da Póvoa de Atalaia. “Quase tudo”, respondeu o poeta. – “Minha mãe, a terra, a água, o sol, o vento. E também o espanto. E ainda a melancolia, que é a outra face do fervor.”⁽⁸⁹⁾

Noutro passo, o entrevistador quis saber se tinha sido importante para o poeta ter nascido na Beira Baixa. A resposta não poderia ser mais explícita:

“Foi importante ter nascido numa pequena povoação do sul, com grandes espaços abertos à poeira dos rebanhos; foi importante ter sentido o ardor do vento e o cheiro da cal fresca; foi importante ter ouvido na noite a música do harmónio, o som do malho na bigorna no pino do verão, o chiar dos carros carregados de feno ao fim do dia; foi importante colher as maçãs das árvores e mordê-las e deitá-las fora, ou mergulhar os pés na água até ficarem de vidro.”⁽⁹⁰⁾

Se a trindade poética de Rimbaud se dissolve no coração, na alma e no espírito⁽⁹¹⁾, tomemos posse desse conceito para o cruzarmos com a obra toda de Eugénio de Andrade e da sua “consciência de absoluto” que tanto emerge nesta alquimia da memória.

Na dedicatória à mãe de “Os Amantes Sem Dinheiro”, escrito em 1950, tinha o poeta 27 anos, encontramos tudo isso, em palavras carregadas de espanto e angústia, mas ao mesmo tempo essenciais para a compreensão do seu mundo poético e do seu universo interior. Não esqueço a noite em que pude ouvir Eugénio de Andrade ler este texto a uma dessas mulheres de preto, a Clarinha de Alpedrinha, que fora amiga da mãe. A emoção dos instantes, a força das palavras poisavam no silêncio da sala vazia do restaurante modernizado a que a velha e minúscula pensão dera lugar.

⁽⁸⁷⁾ *Poesia e Prosa*, II, *op. cit.*, pág. 288.

⁽⁸⁸⁾ *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, págs. 31 e 32.

⁽⁸⁹⁾ *Poesia e Prosa*, *op. cit.*, pág. 386.

⁽⁹⁰⁾ *Poesia e Prosa*, *op. cit.*, pág. 390.

⁽⁹¹⁾ *Obras de Jorge de Sena – O Dogma da Trindade Poética (Rimbaud) e Outros Ensaios*, Edições Asa, 1.ª edição, 1994.



“Era um amieiro. / Depois uma azenha”



“Desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água”



“A terra e a água, a luz e o vento...”

É todo um mundo confuso, de penetração difícil, tanto mais difícil quanto mais pretendo pô-lo claro, transparente. Não sei se houve primeiro lágrimas ou o som do harmónio. Em todo o caso lembro-me de duas casas – uma na Eira, outra no Adro. Sei que as lágrimas e as estrelas eram na casa da Eira e a música do harmónio na casa do Adro.

Minha mãe disse-me que eu nasci na casa do Adro, e só um pouco mais tarde, quando a família a abandonou de todo, nos mudámos para a casa da Eira. Ambas eram casas pequenas, térreas, com duas divisões, mais que suficientes para mãe e filho viverem. Ainda há poucos anos vi essas casitas onde eu e a mãe começámos a ser um do outro, e pareceram-me incrivelmente pequenas, mais pequenas mesmas que certas salas de brinquedos que os meninos ricos têm na cidade.

Em frente da porta de entrada havia uma arca enorme. Sei que nessas arcas arrumam os pobres tudo o que têm: a roupa do corpo, a roupa da cama, o milho para moer, o pão e a faca embrulhados num pano de linho grosseiro. Lembro-me do cheiro que sai da arca ao abrir – é um cheiro forte, são, de frutos naturais que a terra dá.

Ora um dia, quando me aproximei da arca – sabe-se lá se para dar a entender a minha mãe que queria pão – estava lá em cima uma coisa que eu nunca tinha visto. Em bicos de pés, deitei-lhe a mão e puxei. Então o que sucedeu foi maravilhoso: de dentro saiu um som bonito, mais bonito ainda do que a voz de minha mãe, que certamente eu já ouvira cantar. A mãe era nesse tempo uma mulher triste.

Da casa da Eira só me lembro do quartito que dava para a cozinha. Um tabique separava-nos da casa da Ti Ana, uma velhota a quem minha mãe às vezes me deixava a guardar. Foi nesse quarto que a mãe me ensinou a rezar:

Senhora Sant’Ana,
Tapai-me cum véu,
que eu sou pequenino,
levai-me pró Céu.

Mas eu gostava mais de me meter com a velhota do que das orações:

– Ó Ti Ana! Ti Ana!
– Faça-me um favor!

Que é? – perguntava a boa mulher, fingindo ignorar a resposta:

– Empreste-me a pele
Pra fazer um tambor!

Mas isso foi bastante depois. Antes das orações e das brincadeiras com a Ti Ana, lembro-me das lágrimas. Nunca mais voltei a chorar assim.

Certa manhã acordei sozinho em casa. Acordei a chorar. – Ó mãe, mãe... – Mas a mãe não vinha. Não havia mãe. Havia só a porta fechada. – Ó mãe, mãe... – E a casa deserta. Pelas frinchas largas da porta via a manhã lá fora. Era uma manhã de sol quente, talvez de julho, talvez de agosto. Devia haver medas de palha na eira em frente. Mas os meus olhos mal viam, estavam rasos de água e de angústia. – Ó mãe, mãe... – E de repente, na manhã clara, começaram a cair estrelas pequeninas, estrelas verdes, vermelhas, estrelas de oiro. As lágrimas caíam-me pela cara. – Ó mãe, mãe... – O nariz esmagado contra a porta, os olhos muito abertos, vendo atrás das frinchas as estrelas caindo, umas atrás das outras. – Ó mãe, mãe...

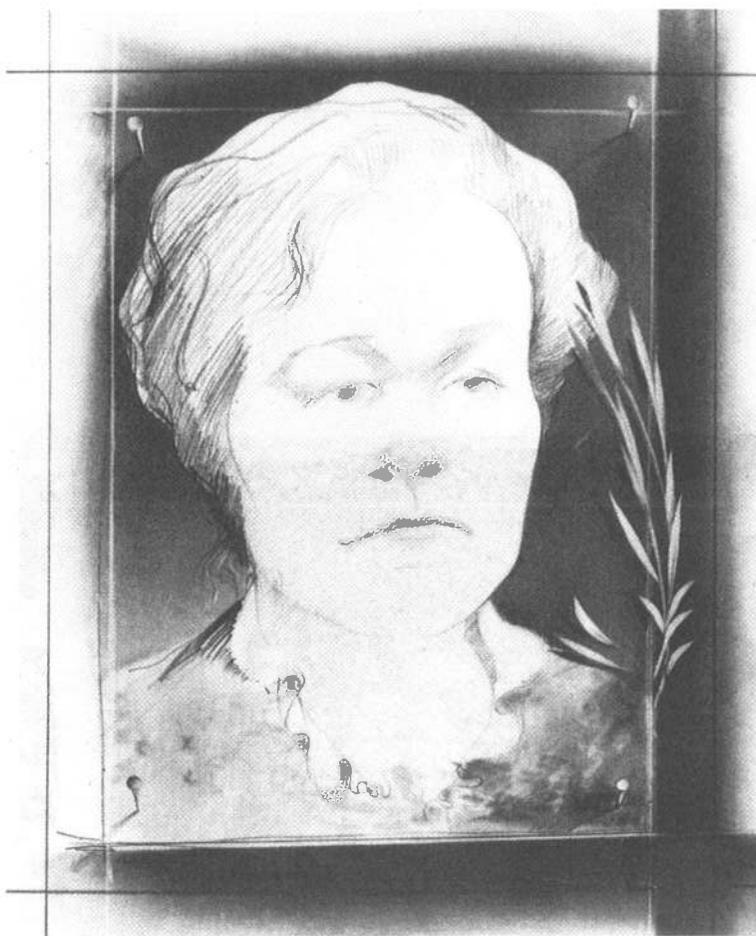
E ninguém me abriu a porta para apanhar as estrelas. Nem mesmo tu, mãe, pois a essas horas andavas a ganhar o pão para a boca daquele que hoje te oferece estes versos.⁽⁹²⁾

Só muitos anos depois, Eugénio de Andrade voltou a entrar na casa da Eira, na tal viagem de quatro dias à Beira, em Julho de 1990. Tive a sorte de acompanhar o poeta nessa espécie de peregrinação interior e de ter colhido a emoção dos instantes vividos na pequena casa. Horas depois ele próprio me dizia: *“Não sei se serão as palavras a forma mais própria para referir este tipo de emoção. Vim para a Póvoa já num certo estado emocional porque é um pouco estranho este desejo de ver realmente a terra onde nasci. Estive diante de oliveiras que viram os primeiros passos, entrei numa das casas que eu refiro num dos meus livros, a casa da Eira (não pude entrar na outra, que estava fechada) e isso foi, realmente, a parte mais emocionante do dia”*⁽⁹³⁾

Mas só em 1992, por ocasião das comemorações dos 50 anos de vida literária, que decorreram de 28 de Novembro a 6 de Dezembro, no Fundão, o poeta arrumou definitivamente este capítulo. Foi exactamente quando foi descerrada uma placa na casa da Eira assinalando que ali vivera o poeta em criança. Na altura, Eugénio de Andrade explicou tudo. É um outro texto essencial para a compreensão da Materna Casa da Poesia.

⁽⁹²⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 37 e ss.

⁽⁹³⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 2415, de 4 de Dezembro de 1992.



A mãe de Eugénio de Andrade num desenho de José Rodrigues
"Falar da terra ou da mãe é falar da mesma coisa"



Eugénio de Andrade na casa da Eira, em Póvoa de Atalaia



Comemorações dos 50 anos de vida literária do poeta,
foi descerrada uma placa comemorativa na Casa da Eira

Não é fácil para mim dizer-vos hoje seja o que for, diante desta casa, onde a vossa gentileza quis lembrar os passos miúdos da minha infância. Por isso, serei breve. Já o disse de mil maneiras: tudo o que na minha poesia é limpo e luminoso e transparente tem aqui a sua nascente. Essa voz, que alguns afirmam “fazer corpo com o mundo” e “traduzir a intensidade da vida imediata, a harmonia do lugar e do instante” (André Velter, “Caravanes”, n.º 3, Paris, 1992) teve o seu primeiro encontro com o sol, estranhamente, através das frinchas de uma velha porta, certa manhã de julho ou de agosto, numa eira que por aqui havia em frente, e olivais até onde a vista alcança. Das várias casas em que morei, esta é a mais humilde; nela vivi com minha mãe somente alguns meses. As outras, bem maiores, de mais de um pavimento, foram demolidas ou estão em vias de ruir. De pé está ainda a casa do Adro, em frente da igreja, de onde aos domingos se podia ouvir da varanda a missa do padre Augusto. Foram muitas casas (era o avô e o pessoal dele que as construía, e depois vendia), para sete anos, que não foram mais os que aqui passei descuidado, sete anos em que o ser se abriu para a vida com uma liberdade que só muito raramente se volta a conhecer.

Mesmo os que folhearem os meus livros com mão distraída sabem da presença poética de minha mãe. Mas, destas terras, eu levei para a minha poesia outra figura em que se tem reparado menos, e que seria a terceira de um tríptico, cujo centro fosse ocupado tuteladamente pela Mãe, tendo à sua direita a Criança, e à esquerda o Pastor – com perfil assim nítido, não há mais ninguém na minha poesia. Da criança não falarei por ser doutras paragens, mas ao pastor tenho que dedicar duas linhas demoradas. Depois de minha mãe me ter levado para outras terras, até aos meus quinze e dezasseis anos, vinha sempre para aqui passar o verão (e nesse tempo o verão era verão), ora nos campos de Atalaia, fascinado pelos primos que montavam os cavalos em pêlo, ora no monte do outro avô, onde, como em qualquer grande herdade, havia apelos de toda a natureza. Nem faltava sequer uma ribeira, com amieiros altos, onde podia esconder-me a ler e a garatujar versos, que já então me mordiam os pulsos. Mas, ao fim da tarde, largava tudo para ir ao encontro dos rebanhos e dos pastores, ajudando um deles, o mais novo, a ordenhar as ovelhas; as tetas fartas, quentes, macias, eram entre os nossos dedos motivo de riso e socos em barda. Às vezes, o Estêvão deitava-se de costas, a boca aberta aos esguichos do leite quente que lhe iam direito às goelas, limpando as gotas espessas, que lhe escorriam pelo queixo, à manga da camisa. Não me recordo bem do seu nome, não era desses que se decoram à primeira, era Estêvão, ou Custódio, mas dos seus olhos de cachorro grandalhão e manso lembro-me perfeitamente, e de como tinha o riso bonito, e de como era solitário, tão seu somente – talvez por isso, eu roubasse bolachas à minha avó para lhe levar depois da ceia. Estive muitos, muitos anos sem voltar ao monte, ou a qualquer destes lugares, mas sempre que me lembro de Cristóvão vejo-o exposto à dureza do frio da Gardunha, acolhendo as estrelas no olhar, como o pastor de Ronda, no poema de Rilke.

Deixai-me então terminar. Não tendes que me estar gratos, nem me deveis seja o que for, porque não poderia ter sido de outra maneira: eu tinha que dar voz a este sol sem tino que, durante alguns anos, andou a picar-me a pele e a alma; eu tinha que dividir com o mundo o delicado sorriso de minha mãe e o olhar do pastor.

Póvoa de Atalaia é a minha terra, fazia falta dizê-lo com o coração. Fica dito.⁽⁹⁴⁾

⁽⁹⁴⁾ Publicado primeiro no *Jornal do Fundão*, n.º 2415, de 4 Dezembro de 1992. O texto figura também na autobiografia de Eugénio de Andrade, *O Amigo mais Íntimo do Sol*, págs. 42 e 43.

5. Referência lírica e estrutura poemática

“Gosto das palavras que sabem a terra, a água, aos frutos de fogo do verão, aos barcos de vento; gosto de palavras lisas como seixos, rugosas como o pão de centeio. Palavras que cheiram a feno e a poeira, a barro e a limão, a resina e a sol”

Eugénio de Andrade, *Poesia e Prosa*



Por mais de uma vez de uma vez, Eugénio de Andrade tem explicado que há um fio condutor no veio lírico da sua poesia que o faz mergulhar nas raízes mais remotas das cantigas de amigo, onde, com Martim Codax, Pêro Meogo e Joam Zorro, avultam “momentos supremos do nosso lirismo”. Esse traço identificador da invenção poética também conduz à “materna casa”, aos campos da Beira, à luz e ao sol, aos amieiros ou àquelas “oliveiras de Castelo Branco” que se “confundem com as de Corfu ou de Maiorca.”⁽⁹⁵⁾ No fundo, lá estão, nítidos, na paisagem, os tempos recuados da infância gravados na memória, como ele confessou um dia, ao dizer numa das suas entrevistas:

“Das coisas melhores que me aconteceram na vida foi ter nascido numa aldeia da Beira Baixa, e aí ter passado toda a minha infância.”⁽⁹⁶⁾

Um dos mais antigos e belos poemas de Eugénio de Andrade, intitulado “Canção”, feito quando o poeta tinha dezasseis anos é, do mesmo passo, uma homenagem ao veio lírico de tão velhas raízes na poesia portuguesa, mas também uma evocação da Beira e dos seus balcões, dos balcões de Póvoa de Atalaia, como no poema que está precisamente identificado ao topónimo da terra natal.

O dia cresceu tanto que não tarda
que a sombra nos dê pelos joelhos,
as mães tecem o riso das crianças,
pelo balcão entornam os cabelos⁽⁹⁷⁾

⁽⁹⁵⁾ Poesia e Prosa, in *Rosto Precário*, *op. cit.*, pág. 311.

⁽⁹⁶⁾ *Poesia e Prosa*, *ob. cit.*, pág. 303.

⁽⁹⁷⁾ Eugénio de Andrade, *O Amigo mais Íntimo do Sol*, *op. cit.*, pág. 41.

Mas é a *Canção* que nos transporta aos velhos trovadores e sempre que ouvi o poeta dizê-la, com o rigor exacto dos silêncios, o que torna ainda mais mágico o momento da poesia, pareceu-me sempre que o tempo ficava suspenso das palavras.

Tinha um cravo no meu balcão;
veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?

Sentada, bordava um lenço de mão;
veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?

Dei um cravo e dei um lenço,
só não dei o coração;
mas se o rapaz mo pedir
– mãe, dou-lho ou não?⁽⁹⁸⁾

Vale a pena, a propósito, recordar que Eugénio de Andrade, ao receber o Prémio D. Dinis, no Palácio de Mateus, onde o poeta homenageou o rei-poeta com a leitura da *Canção*, disse no final do seu discurso:

Agora dêem-me licença que regresse a D. Dinis, não pelas “naus a haver” que plantou – deixo de bom grado naus e caravelas aos almirantes – mas por ter erguido do chão a poesia portuguesa a um dos seus cumes – as suas cantigas de amigo, com as de Pêro Meogo, Meendinho, Martim Codax, e outros, são um dos momentos supremos do nosso lirismo; esse, a que, juntamente com a poesia grega arcaica e a poesia oriental, sempre me senti religado. E a prová-lo, vou terminar com uma homenagem a el-rei – uma canção dos meus dezasseis anos, que anda impressa na primeira página do meu cancionero”⁽⁹⁹⁾.

Curiosamente, foi de Eugénio de Andrade, numa dessas conversas longas, durante uma visita ao chão da Beira, que ouvi dizer-lhe um poema de António Machado que também coincidia na referência lírica e na matriz poemática:

⁽⁹⁸⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 11.

⁽⁹⁹⁾ *Poesia e Prosa*, *op. cit.*, pág. 285.

La plaza tiene una torre,
la torre tiene un balcón,
el balcón tiene una dama
la dama una blanca flor.
Há pasado um caballero
– quién sabe por qué pasó! –,
y se há llevado la plaza,
con su balcón y su dama,
su dama y su blanca flor.⁽¹⁰⁰⁾

Aqui temos, duma forma bem nítida, a definição de poesia que Eugénio um dia citou de Machado: “a poesia é a palavra no tempo.”⁽¹⁰¹⁾

Sobre o poema de António Machado, o autor de “O Outro Nome da Terra” traduziu assim o seu fascínio:

São só dez versos, todos de arte menor, como se diz nos compêndios, e não há nada aqui que não seja maior. Nada falta, nada sobra: tudo é simultaneamente leve e denso, límpido e misterioso, simples e complexo. Há grandes poetas que nunca escreveram um poema assim, e era assim que todos os poemas deviam ser escritos.”⁽¹⁰²⁾

O preito à simplicidade que na arte poética transforma em luz tudo o que toca. A arte maior de ser poeta que a poesia de Eugénio de Andrade tão bem nos oferece na surpresa dos instantes, tantas vezes com as palavras que ele ama:

Quanto a mim, gosto das palavras que sabem a terra, a água, aos frutos de fogo do verão, aos barcos de vento; gosto das palavras lisas como seixos, rugosas como o pão de centeio. Palavras que cheiram a feno e a poeira, a barro e a limão, a resina e a sol.”⁽¹⁰³⁾

Que outro poeta senão Eugénio de Andrade poderia carregar com tanto sentido e tanta força emocional a “escrita da terra” e celebrar com tanto amor o lugar primordial numa “contagante euforia de ser”, como bem assinalou

⁽¹⁰⁰⁾ António Machado, *Antologia Poética*, Edições Cotovia, Lisboa, 1989, pág. 188 a 190. Trata-se de uma excelente edição bilingue, com selecção, tradução, prólogo e notas de José Bento, *A praça tem uma torre, / e a torre uma varanda, / e a varanda uma dama, / a dama uma flor branca. / Passou lá um cavaleiro / – quem sabe por que passou! –, / e levou consigo a praça / com a torre e a varanda, / com a varanda e dama, / a dama e a flor branca.*

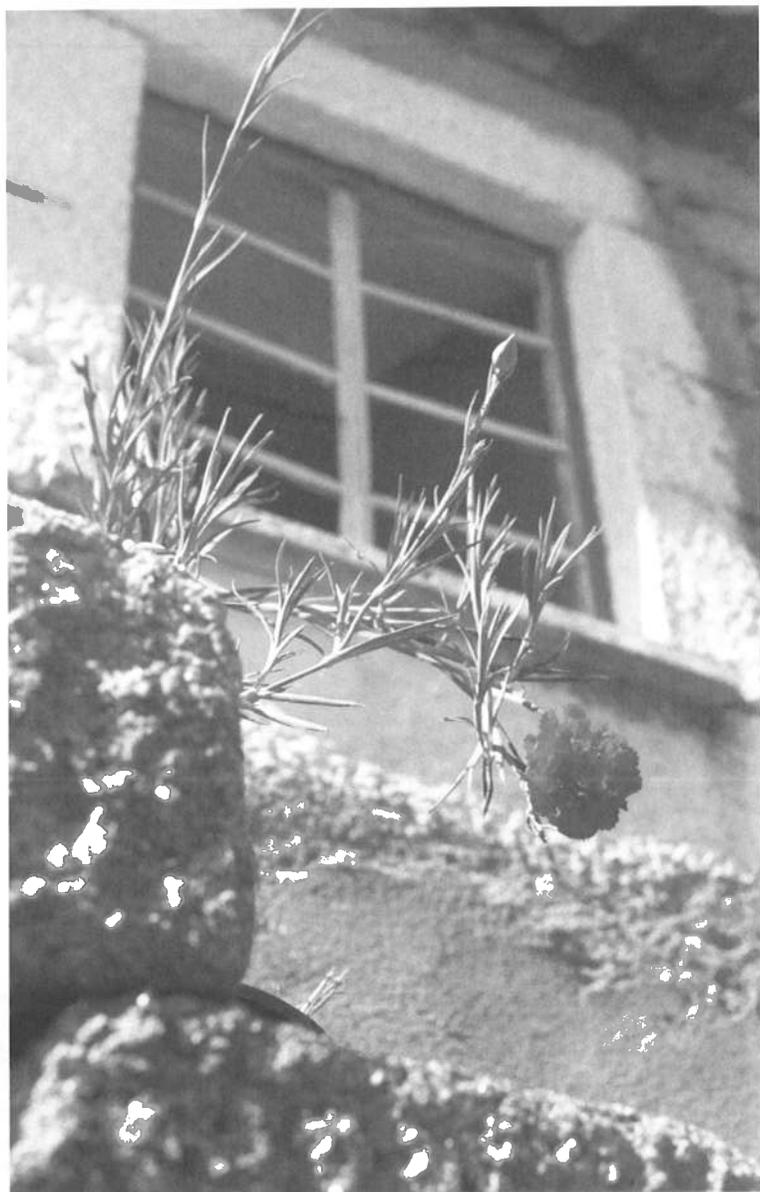
⁽¹⁰¹⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 298.

⁽¹⁰²⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 295

⁽¹⁰³⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 294.

Fernando Pinto do Amaral, que singulariza também que “ao fazer passar a comunhão erótica dos corpos para o plano mais vasto de toda a realidade natural, verificamos como a “pura ressonância da alegria” acaba por se incorporar no acto amoroso, transformando-o num meio de vencer a distância entre a consciência do *eu* e a natureza”. E logo acrescenta: “Abrindo-se aos sortilégios do corpo – e é necessário assinalar toda a gama de imagens do corpo que atravessa esta poesia –, a obra de Eugénio de Andrade abre-se também ao infinito de modulações que exprimem a existência de uma ordem inscrita nos cosmos.”⁽¹⁰⁴⁾

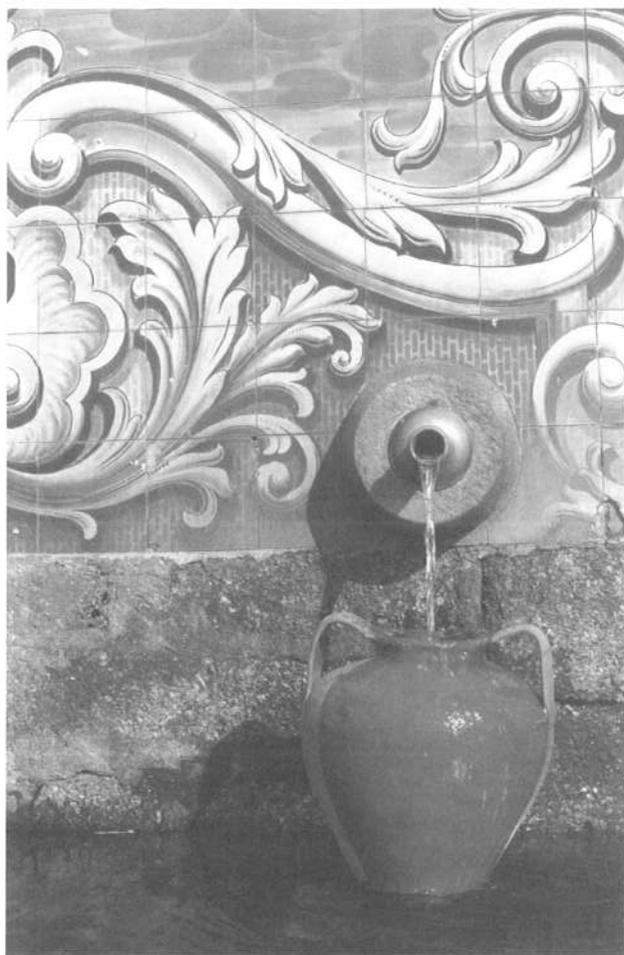
⁽¹⁰⁴⁾ Ver Fernando Pinto do Amaral, in *Eugénio de Andrade, 50 anos de Poesia*, Câmara Municipal do Fundão e Fundação Eugénio de Andrade, 1992, págs. 13 e ss.



"Tinha um cravo no meu balcão ..."



“Gosto das palavras que sabem a terra ...”



“... a água, aos frutos de fogo do verão, aos barcos de vento”



“Das coisas melhores que me aconteceram na vida
foi ter nascido numa aldeia da Beira Baixa”



“Palavras que cheiram a ferro e a poesia, a barro e a limão,
a resina e a sal”



“Mulheres vestidas de negro até à alma”



“Póvoa de Atalaia é a minha terra”

6. Eugénio de Andrade e Garcia Lorca - a força da raiz telúrica

“Amo a la tierra. Me siento ligado a ella en todas mis emociones. Mis más lejanos recuerdos de niño tienen sabor de tierra. La tierra, el campo, han hecho grandes cosas en mi vida”

Federico Garcia Lorca, *Mi Pueblo*



“Os grandes encontros são sempre encontros de juventude: Pessanha, Pessoa, Rimbaud, Lorca, Rilke e Éluard. Não quero dizer que sejam os poetas que venho de nomear os que mais amo ainda. Respondo com rigor à pergunta – foram estes e não outros, por maiores que sejam, os poetas que encontrei na hora em que mais os necessitava. Encontros fatais, digamos assim, a quem devo esses momentos em que a poesia se faz carne e é como a anunciação da felicidade.”⁽¹⁰⁵⁾ Assim respondeu Eugénio de Andrade quando um jornalista quis saber dos grandes encontros poéticos da vida do poeta.

A vários títulos, a poesia espanhola e o próprio Lorca (de que fez excelentes traduções) ocupam um lugar especial no universo cultural de Eugénio de Andrade, cuja raiz transfronteiriça, como agora se diz, ele por mais de uma vez reafirmou.

Não faltam, aliás, os que (como António José Saraiva e Óscar Lopes, na referencial “História da Literatura Portuguesa”), lhe apontam influências da geração espanhola de 27. O prestígio de Eugénio de Andrade entre os grandes da poesia espanhola traduz não só o conhecimento da sua obra poética, mas também, penso eu, o lado afectivo tantas vezes expresso, desde logo no poema à memória de Federico Garcia Lorca (um dos primeiros da sua obra) quando a besta fascista fuzilou o poeta de Granada.

⁽¹⁰⁵⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 292.

Noite aberta.
 A lua
 Tropeça nos juncos.
 Que procura a lua?
 A raiz do sangue?
 Um rio onde durma?
 A voz delirando
 no olival exangue?
 Sonâmbula,
 Que procura a lua?
 O rosto da cal
 Que no rio flutua?⁽¹⁰⁶⁾

De muitas maneiras e mais uma, Eugénio de Andrade mostrou ao longo do tempo o apreço pelos grandes vultos da poesia e da literatura do país vizinho. Em Junho de 1983, como já disse, tive a sorte de acompanhar o poeta em Praga, onde fazíamos parte de uma delegação a uma assembleia mundial da Paz.

Era uma tarde quente de luz e transparências, que pareciam acentuar ainda mais a beleza do casario e das ruas. Andara com Eugénio descodificando (ou tentando descodificar) os segredos da cidade de Kafka. Tínhamos estado na Mála Strana, lembro-me bem, onde havia pombos e crianças (Eugénio acabaria por fazer um poema em que essa imagem figura: “*Gosto destes pombos, destas crianças./A eternidade não pode ser senão assim:/pombos e crianças a fazerem/da luz incomparável da manhã/o lugar inocente do poema*”⁽¹⁰⁷⁾), e aportámos a uma enorme esplanada toda aberta ao sol e aos jovens.

Foi o Eugénio que me chamou a atenção.

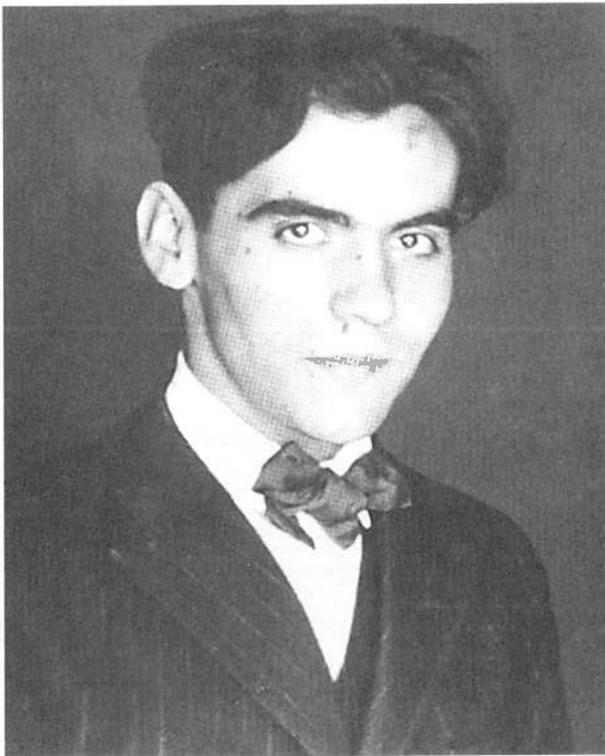
– Está além o Alberti!

O Rafael Alberti pontificava como um rei ou um deus, já não sei bem. Ali estava o grande Rafael Alberti com os seus cabelos brancos, rodeado de gente, escritores e jovens. O Eugénio (e eu, com ele, instantes que acontecem) encaminhou-se para a mesa. Penso que foi a primeira vez que se encontrou com o autor de “*Marinero en Tierra*”.

Ao nome de Eugénio de Andrade fez-se silêncio para Rafael Alberti saudar com alegria, como se fossem velhos companheiros, o poeta português. Alberti conhecia a obra do autor de “*As Mãos e os Frutos*” e não escondeu a enorme simpatia por Eugénio de Andrade.

⁽¹⁰⁶⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, op. cit., págs 14 e 15.

⁽¹⁰⁷⁾ Eugénio de Andrade, *O Amigo mais Íntimo do Sol*, *Fotobiografia*, op. cit., pág. 128.



Federico Garcia Lorca



Federico Garcia Lorca com a mãe



Fuente Vaqueros



“Mi tierra, tierra de agricultores ...”



“Amo la tierra ...”

Da parte de Eugénio de Andrade é conhecido esse amor a Espanha e ele próprio, por mais de uma vez, o certificou por palavras suas que vale a pena trazer aqui:

“As minhas relações com a cultura espanhola são muito mais fundas. Pouca gente saberá que tenho ascendência espanhola muito directa. Minha avó materna era de Valverde del Fresno. Se não conservo memória das temporadas que por ali passei, ou em Cória, onde apanhei um dos maiores sustos da minha vida, ao ver pela primeira vez o Crucificado, como minha mãe me contava, lembro-me muito bem dos contrabandistas que durante o verão, em Monfortinho, atravessavam o rio de noite e vinham ali fazer negócio. Minha mãe comprava-me invariavelmente um “sombbrero blanco” e umas sandálias – nessas sandálias começa a minha alegria. Elas, tão leves, tão frescas, com uns furinhos na biqueira a desenhar uma flor (ou uma estrela?) , arrumavam durante meses e meses com as botas de atanado. Com sandálias assim, não andava: dançava ou voava, e a terra era toda minha.

Mamita deve ter sido a primeira palavra que aprendi inteirinha, e tal palavra pertence a uma cultura que eu viria a amar sobremaneira. Nos romances que minha mãe me cantava, quando era pequeno, as perplexidades entre o português e o castelhano eram frequentes, e tais perplexidades agravaram-se no resto da infância e começos da adolescência, já em Lisboa, com a minha primeira grande amizade: um rapazito das bandas de Compostela, que introduziu naquela algarviada algumas palavras galegas. Mas além dos palavrões, em que a gíria do meu amigo era fértil, a ele fiquei a dever a leitura do Quixote e talvez a poesia de Gustavo Adolfo Bécquer. Contudo, foi uns anos mais tarde que a Espanha me abriu as portas para sempre, quando um amigo de Lorca, o bailarino Pepe Montes, chegou a Lisboa num verão muito quente, e os meus dezasseis ou dezassete anos ouviram pela primeira vez os versos embruxados do Romance Sonâmbulo. Não direi que me tivesse acontecido exactamente o que aconteceu a S. Paulo na estrada de Damasco, mas nunca até então a poesia me tinha aparecido vestida com “traje de luces”. A poesia de Federico foi ainda a via pela qual cheguei a Raimundo Lúlio, S. João da Cruz, Lope, Quevedo, Galdós, Menéndez Pidal, Machado, Unamuno, Juan Ramón, Aleixandre, Cernuda, etc. Logo que a Guerra acabou, a minha primeira viagem, de certo modo, foi à sua procura: Granada, Córdova, Sevilha – “Andalucía del llanto”. Outras andanças me aproximaram ainda mais: Fuente Vaqueros, Viznar, a sua família, os seus amigos, que se foram tornando meus. Para quê continuar? Espanha cresceu comigo fibra a fibra.”¹⁰⁸

É extenso o texto, mas explica tudo: é uma impressão digital.

⁽¹⁰⁸⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *ob. cit.*, págs. 290 e 291.

Eugénio de Andrade falou da sua ligação a Fuente Vaqueros e Viznar, que fazem parte por excelência da geografia sentimental de Federico Garcia Lorca.

Quando Lorca foi assassinado, aos 38 anos, em 1936, Eugénio de Andrade tinha 13 anos. Mas em ambos a matriz rural tem paralelismos, até na força telúrica da afirmação da arte poética de ambos.

Ian Gibson, autor de uma monumental biografia de Lorca, “*Vida, Pasión y Muerte de Federico Garcia Lorca (1898-1936)*”⁽¹⁰⁹⁾ mostra como o vale de Granada, o mais formoso de Espanha, e os seus campos foram a fonte primordial da inspiração literária de Federico Garcia Lorca. Os árabes granadinos “a extensa planura num paraíso” criando “um mundo à parte, fechado sobre si mesmo, onde a vida decorria mansamente e o homem vivia em íntima relação com a terra.”⁽¹¹⁰⁾

Esse tempo deixou marcas, raízes profundas no mundo rural que chegou ao nosso tempo e que o poeta de Granada colheu na sua infância, à semelhança do que aconteceria mais tarde, muito mais tarde, com Eugénio de Andrade e os campos de Póvoa de Atalaia, como se cada lugar fosse um destino. Não faltaria sequer ao autor de “*A Casa de Bernarda Alba*” a herança do fascínio da música⁽¹¹¹⁾, e a verdade é que “o poeta nunca esqueceu nem os jogos nem as canções da sua infância.”⁽¹¹²⁾ Federico dizia ter herdado a inteligência de sua mãe. E num poema, o autor de “*A Sapateira Prodigiosa*” refere essa presença:

Mi madre leía
un drama de Hugo.
Los troncos ardían.
En la negra sala
otro sol moría,
como un cisne rubio,
de melancolia...⁽¹¹³⁾

Lorca, como Eugénio, também deixou bem vincada a importância da mãe na sua poética, considerando que tinha com ela uma dívida extraordinária: “Ela formou-me poeticamente e devo-lhe tudo o que sou e serei.”⁽¹¹⁴⁾

⁽¹⁰⁹⁾ *Vida, Pasión y Muerte de Federico Garcia Lorca*, de Ian Gibson, Plaza&Janés Editores, S.A., 3.ª edição, Barcelona.

⁽¹¹⁰⁾ *Vida, Pasión y Muerte de Federico Garcia Lorca*, *op. cit.*, pág. 15 e ss.

⁽¹¹¹⁾ *Idem*, pág. 18.

⁽¹¹²⁾ *Idem*, pág. 26.

⁽¹¹³⁾ *Obras Completas de FGL*, referido por Ian Gibson, *op. cit.*, pág. 28.

⁽¹¹⁴⁾ *Epistolário Completo*, citado por Ian Gibson, *op. cit.*, pág. 29.

Outro paralelismo surge na força telúrica da aldeia e do campo, tão bem expresso em *Mi Pueblo*, onde o poeta explica o desenvolvimento da sensibilidade artística.

Veja-se este trecho e na similitude com o mundo elemental exaltado por Eugénio de Andrade:

“Fue por el año 1906. Mi tierra, tierra de agricultores, habia sido arada pelos viejos arados de madera, que apenas arañabam la superficie. Y en aquel año, algunos labradores adquirieram los nuevos arados Brabant – el nombre me ha quedado para siempre en el recuerdo –, que habían sido premiados por su eficacia en la Exposición de Paris del año 1900. Yo, niño curioso, seguía por todo el campo al vigoroso arado de mi casa. Me gustaba ver cómo brotaban raíces en lugar de sangre. Una vez el arado se detuvo. Había tropezado en algo consistente. Un segundo más tarde, la hoja brillante de acero sacaba de la tierra un mosaico romano. Tenía una inscripción que ahora no recuerdo, aunque no sé por qué acude a mi memoria el nombre de los pastores Dafnis y Cloe.

Esse mi primer asombro artístico está unido a la tierra. Los nombres de Dafnis y Cloe tienen también sabor a tierra y a amor.”⁽¹¹⁵⁾

Diferente, de facto, era a origem social, Lorca não era filho de camponeses, como Eugénio. “A minha infância é aprender letras e música com a minha mãe, ser um menino rico na aldeia, um mandão”, dirá ele, embora tivesse sido precoce a sua consciência da pobreza e das injustiças sociais, que lhe causavam “um peso frio no coração.”⁽¹¹⁶⁾

Curiosamente, há outra figura tutelar na biografia de Lorca, tão determinante na sua arte poética, como o foi para Eugénio de Andrade: estamos a falar do pastor. O biógrafo Ian Gibson, diz que “dos personagens rememorados em *Mi Pueblo*, o descrito com mais detalhe e mais profundo afecto é “o compadre pastor”. E acrescenta que Lorca recorda em *Mi Pueblo* “as maravilhosas histórias de coisas religiosas que lhe contava o velho pastor, as histórias de duendes e fadas, os contos de lobos e de almas penadas”. “Tu foste quem me consolou em meus pesadelos. Tu foste quem me fez amar a Natureza... Tu foste quem me iluminou o coração”, escreve o poeta quando o pastor morre.⁽¹¹⁷⁾

⁽¹¹⁵⁾ *Vida Pasión y Muerte de Federico Garcia Lorca*, Ian Gibson, *op. cit.*, pág. 30, citação de *Obras Completas*, III, pág. 600.

⁽¹¹⁶⁾ *Idem*, pág. 33.

⁽¹¹⁷⁾ *Idem*, pág. 35.

Outro aspecto biográfico que indica alguma coincidência na vida dos dois escritores, é o que releva do elogio à *terra mater*, quando ela homenageia os poetas. Já vimos como Eugénio de Andrade respondeu, em Póvoa de Atalaia.

Também Federico Garcia Lorca foi homenageado em Fuente Vaqueros, em 1931. Foi dado o nome do poeta a uma rua onde ele tinha vivido quatro anos. No discurso que Lorca proferiu sublinhou como aquele “pueblo” moldara a sua sensibilidade artística:

Todos podé creer que os lo agradezco de corazón, y que yo, cuando en Madrid o en otro sitio me preguntan el lugar de mi nacimiento, en encuestas periodísticas o en cualquier parte, yo digo que nací en Fuente Vaqueros para que la gloria o la fama que haya de caer en mí caiga también sobre este simpatiquísimo, sobre este modernísimo, sobre este jugoso y liberal pueblo de La Fuente. Y sabed todos que yo inmediatamente hago su elogio como poeta y como hijo de él, porque en toda la Vega de Granada, y no es pasión, no hay otro pueblo más hermoso, ni más rico, ni con más capacidad emotiva que este pueblecito: No quiero ofender a ninguno de los bellos pueblos de la Vega de Granada, pero yo tengo ojos en la cara y la suficiente inteligencia para decir el elogio de mi pueblo natal.⁽¹¹⁸⁾

Na biografia de Ian Gibson a questão projectiva do tempo da infância em Garcia Lorca é longamente tratada. Diz ele que os seus anos de infância em Fuente Vaqueros “permaneceriam sempre dentro dele como um presente constante, ao abrigo da acção do tempo”. Exemplo dessa apropriação da terra pelo coração do poeta pode ver-se neste trecho:

Amo a la tierra. Me siento ligado a ella en todas mis emociones. Mis más lejanos recuerdos de niño tienen sabor de tierra. La tierra, el campo, han hecho grandes cosas en mi vida. Los bichos de la tierra, los animales, las gentes campesinas, tienen sigestiones que llegan a muy pocos. Yo las capto ahora con el mismo espíritu de mis años infantiles. De lo contrario, no habría podido escribir *Bodas de Sangre* (...). Mis primeras emociones están ligadas a la tierra y a los trabajos del campo. Por eso hay en mi vida un complejo agrario, que llamarían los psicoanalistas.⁽¹¹⁹⁾

Lorca falava dessa identificação com a terra e os camponeses como um “grande arquivo da memória”. Pouco mais de um ano antes de ser assassinado,

⁽¹¹⁸⁾ *Idem*, pág. 37.

⁽¹¹⁹⁾ *Idem*, pág. 37.

em 1935, voltaria à raiz de Fuente Vaqueros, de uma forma muito parecida a uma das evocações de Eugénio de Andrade, como se pode ver neste texto em que nos fala de “pastores, campos, céu, solidão”:

Toda mi infancia es pueblo. Pastores, campos, cielo, soledad. Sencillez en suma. Yo me sorprendo mucho cuando creen que esas cosas que hay en mis obras son atrevimientos míos, audacias de poeta. No. Son detalles auténticos, que a mucha gente le parecen raros porque es raro también acercarse a la vida con esta actitud tan simple y tan poco practicada. Ver y oír (...). Yo tengo un grande archivo en los recuerdos de mi niñez de oír hablar a la gente. Es la memoria poética y a ella me atengo.⁽¹²⁰⁾

Destinos poéticos com idêntica raiz telúrica a iluminar os versos. Federico Garcia Lorca, que Eugénio de Andrade traduziu com mestria, haveria também de repisar o legado originário como fonte inspiradora determinante da obra poética.

“As emoções da infância fazem parte de mim”, confessou ele. “Nunca saí delas. Contar a minha vida seria falar do que sou, e a vida é o relato do que se foi. As recordações, até as da minha mais afastada infância são para mim um apaixonante tempo presente”⁽¹²¹⁾

Pareceu-me interessante fazer esta viagem pelos territórios da infância, que tanto marcam a obra poética de dois autores fundamentais da cultura ibérica, relação sempre tão contingente dentro do tempo da história.

Mas trazer à luz do dia a poesia e a obra de Federico Garcia Lorca a propósito de Eugénio de Andrade, e estabelecer um paralelismo, através do *falar materno* da poesia de ambos e da sua forte ligação ao “sol de camponeses”, aos campos e à sua expressão elemental, tem todo o cabimento.

Basta regressar às palavras do autor de *Véspera de Água*:

O primeiro contacto com um autor é muito importante, basta às vezes um só poema para revelar um poeta. A mim aconteceu-me isso várias vezes. Lembrou-me do primeiro poema do Nemésio que ouvi à Manuela Porto: “Pus-me a contar os alciões chegados...” Ainda hoje me parecem ser os seus versos mais secretos. Com o Romance Sonâmbulo de Garcia Lorca aconteceu-me o mesmo: à distância de quase quarenta anos, “Verde que te quiero verde”, abre-me ainda as portas para o desconhecido.”⁽¹²²⁾

⁽¹²⁰⁾ *Idem*, pág. 37.

⁽¹²¹⁾ *Idem*, pag 37.

⁽¹²²⁾ *Poesia e Prosa*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 311.

7. Escrita da Terra – escrita do coração

“No prato da balança um verso basta
para pesar no outro a minha vida”

Eugénio de Andrade, *Poesia!*



Regressamos ao chão nosso da Beira. Nesta viagem pela poesia de Eugénio de Andrade, o roteiro mostra exemplarmente como o autor cantou a sua terra e lhe deu dimensão universal em palavras que são “como um cristal”, povoadas de música e de sonho, em versos de pura genialidade ou em prosa que adquire a mais alta expressão poética, o que só acontece na obra dos grandes criadores.

Chegamos, de novo, ao mundo originário onde tudo começou no dia 19 de Janeiro de 1923. Ao território aonde nos leva o coração, âncora bem presa ao percurso da vida.

O fulgor do canto poético, a sua poderosa originalidade, a cartografia sentimental dos lugares, a exactidão da palavra, a humanidade configurada ao essencial da aventura criadora do autor de “Escrita da Terra” elevou a Beira Baixa a um plano estético superior, tocando-a com a intemporalidade, que não pode haver maior glória para uma região ou para uma terra. Como justamente referiu Arnaldo Saraiva, na festa dos 50 anos de vida literária de Eugénio de Andrade, ele “cantou as terras da Beira Baixa e nunca ninguém as cantou com palavras tão belas como as dele; tão belas que quase nos fazem esquecer a pobreza, a precariedade e as dificuldades que podem habitá-las, e que os seus poemas não deixam de assinalar ou sugerir, mesmo quando falam de plenitude e de euforia, do sol e das águas fecundas.”⁽¹²³⁾

Para o Prof. Arnaldo Saraiva, “Eugénio não colore o real, só o autentica ou revela com uma luz central” porque “o seu canto é por vezes o canto de um puro desejo, o canto da fuga a um presente dramático, o apelo a um futuro que o poema antecipa.”⁽¹²⁴⁾

⁽¹²³⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 2415 de 4 de Dezembro de 1992.

⁽¹²⁴⁾ *Idem*.

Este especialista lembrou como o trabalho poético de Eugénio de Andrade é também “uma sempre reiniciada viagem às origens da palavra e da poesia, da palavra e da poesia que antes de mais lhe vieram pela língua maternal e na terra-mãe, onde também escreveu o primeiro poema.”⁽¹²⁵⁾

Nunca a Beira Baixa pagará em tributo de gratidão essa poesia do fundo do coração que Eugénio de Andrade poisou nestas terras, sem nunca as amesquinhar na banalização do postal ilustrado ou no pitoresco local, tão do agrado dos que as olham do alto de uma importância que, na verdade, não têm. Não faltam poemas com referências topográficas – Póvoa de Atalaia, Atalaia, Alpedrinha, Castelo Novo, Monfortinho, Castelo Branco – ou textos em que aparecem “os nomes porosos da sede”, no fundo, o complexo de lugares que desenham a geografia sentimental da sua e nossa Beira Baixa, “nomes que se deixam atravessar pelas maternas águas da memória”⁽¹²⁶⁾. Nesse mapa sentimental não se esqueceu o poeta do Fundão, cuja moderna realidade urbana confrontou com a memória da antiga vila, quando, lembrou o poeta, ali fora pela primeira vez, aos seis anos: “Palmilhara a pé, com minha mãe, as duas léguas bem puxadas, mesmo por atalhos, que vão da Póvoa ao hospital da vila, para ser vacinado contra as bexigas, o aparo raspando o bracito medroso, e uma vontade louca de coçar, dias depois.”⁽¹²⁷⁾

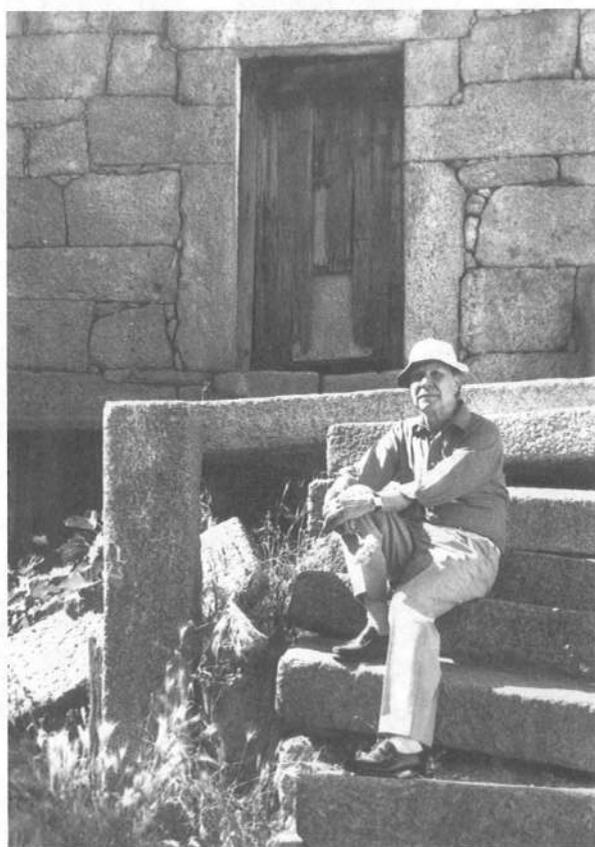
Nessa visita não escaparam ao poeta as feridas urbanísticas da terra: “O Fundão era agora cidade e, nestes últimos anos, tem crescido a olhos vistos; crescido tortinho como todas as nossas terras, graças a deus, mas para orgulho de muitos acabara por ficar parecido com a Maia, e a Maia parecida com Freixo-de-Espada-à-Cinta, e o Freixo com Tavira.”⁽¹²⁸⁾ Lembro-me bem desse dia de Julho, intenso de sol, e do peregrinar do poeta pela Praça Velha, a igreja da Misericórdia, a rua da Cale e da surpresa (“E devagarinho pousava na alegria”) com que se acolheu “à sombra do chorão da Estalagem da Neve, em toda a sua glória.” A árvore imponente é hoje uma ruína e do lódão bastardo de Alpedrinha (“que devia ser razão de orgulho da gente da mais bonita vila da Beira Baixa”) só resta a memória, assassinado que foi, há anos, pela moto-serra da Direcção de Estradas!

⁽¹²⁵⁾ *Idem.*

⁽¹²⁶⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 153.

⁽¹²⁷⁾ *Idem*, pág. 137.

⁽¹²⁸⁾ *Idem*, pág. 139.



O poeta na casa do Adro, em Póvoa de Atalaia



Eugénio de Andrade nos campos de Póvoa de Atalaia



Na casa do Adro, em Póvoa de Atalaia



Eugénio de Andrade fala de poesia às mulheres e crianças de Póvoa de Atalaia



Numa rua de Póvoa de Atalaia



À porta da casa da Eira



Eugénio de Andrade assina um retrato da mãe

Do amor de Eugénio de Andrade por estas terras, não restam dúvidas. Encarou sempre este universo, polarizado à volta de Póvoa de Atalaia, como chão inicial e “materna casa” onde a poesia se transformou sempre em fala arterial do mundo elemental que foi o território da infância. “Materna casa da alegria”, diz num dos seus versos.

Todavia, há nesta revisitação de lugares, que o poeta intitulou “Como Longa Despedida”, um registo clarificador de matriz biográfica, precisamente quando indica ter nascido na casa do Adro. Diz ele:

“(…) no Adro abriram uma nova rua – a das Roseiras – e da casa onde nasci, e ouvira a voz do harmónio pela noite fora, não havia vestígios. Ou antes, há outra casa sobre as fundações anteriores – mas que tem isso a ver comigo? Fomos então à Eira, onde nunca havia estado desde os meus dois anos, ou menos ainda. A casa por fora está na mesma, de pedra solta, negra, só nas ombreiras uma caiadela. Ombreiras da porta, entenda-se, pois não tem janelas. É o número 13 da Rua da Eira.”⁽¹²⁹⁾

A casa da Eira também já sofreu modificações: a pedra solta deu lugar a pedra rebocada e os beirais acompanharam o telhado novo. Mas ainda mantém a arquitectura inicial, simples e depurada, e a exiguidade de casa pobre onde apenas cabe o essencial.

Acompanhei o poeta quando, muitos anos depois, regressou à terra-mãe e voltou a entrar nesse espaço imaginário – pelo menos para os leitores, que o conheciam apenas do belíssimo texto em que Eugénio fizera a descrição topográfica do lar com a densidade humana e poética que são inseparáveis sempre que o lembrar materno aquece o coração da fala.

Eis-nos na casa da Eira. Mal cabemos, lá dentro. Eugénio recorda o lugar da arca, o lume, as estrelas. Subitamente o tempo passado tornava-se presente. Mas logo se juntou a gente comum dos seus versos, não faltavam mulheres de negro, nem crianças. Eugénio explicava a todos o regresso ao passado em Póvoa de Atalaia, fazia a identificação da casa, mostrava o retrato da mãe desenhado por José Rodrigues, dava autógrafos aos miúdos que o rodeavam.

Falámos mais tarde desses instantes e Eugénio de Andrade ainda vivia o peso da emoção: “O mais emocionante foi a entrada nessa casinha da Eira. É evidente que muitas árvores foram deitadas abaixo, oliveiras que era o que havia por ali, e de repente apontaram-me uma casinha com o n.º 13,

⁽¹²⁹⁾ *Idem*, pág. 141.

que curiosamente é um número que tem para mim uma certa magia, nada maléfica, pelo contrário é um número que me “porte bonheur”. Curioso, entrei no n.º 13 da rua da Eira, e era rigorosamente a casa como eu a conhecera. Por dentro estava um pouco mais arranjada, mas correspondia exactamente à maneira como eu a descrevi: uma pequena entrada junto ao canto direito onde se fazia o lume – a casa nessa altura era térrea (agora está um pouquinho composta), e depois, ao fundo, duas alcovas, uma para mim, outra para minha mãe.”⁽¹³⁰⁾

A experiência desses dias intensos de emoções deu mesmo lugar a um texto a que Eugénio chamou “Como Longa Despedida”, publicado no álbum *Poesia, Terra de Minha Mãe*. Aí conta ele a emoção: “(...) Pedi licença à dona, uma mulher de preto, como todas as outras, para entrar. Ao abrir a porta, o sol iluminou todo o espaço; era o mesmo de outrora, agora assoalhado: a entrada, com o que foi a lareira, à direita; as duas alcovas ao fundo, onde não cabia senão a cama, uma para minha mãe, outra para mim; tudo impecavelmente caiado, como então. Sentei-me na cadeira, com receio de tombar: de repente, a uma velocidade vertiginosa, o tempo recuou, e eu, de gatas, aproximava-me da porta a chorar, olhando pelas frinchas a eira cheia de sol – Ó mãe, mãe! Mas já sabemos que não havia mãe.”⁽¹³¹⁾

Nessa altura, o poeta manifestou-me um sentimento de nostalgia e tristeza: “... Não é alegre porque tenho a sensação de que me estou a despedir de qualquer coisa.”⁽¹³²⁾

A matéria verbal com que Eugénio de Andrade nos fala da Beira, talvez devido ao seu reencontro tardio mas definitivo com a “Terra-Mãe”, tem quase sempre o sabor nostálgico de uma despedida, mas que no seu caso é um permanente regresso, como se o lume originário desses dias se transformasse numa espécie de marca genética que ilumina o “ofício de paciência” que é, afinal, toda a sua arte poética.

A evocação da casa da Eira encontramos-la num poema de “Os Sulcos da Sede”, publicado em 2001, que abre com uma matinal saudação de António Lobo Antunes, “Bom dia, Eugénio”. O poema chama-se “Lume de Inverno” e contém toda a força referencial e toda a tensão psicológica que perscrutei na visita à casa da Eira.

⁽¹³⁰⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 2290, de 13 de Julho de 1990.

⁽¹³¹⁾ *Poesia, Terra de Minha Mãe*, *op. cit.*, pág. 141.

⁽¹³²⁾ *Jornal do Fundão*, *idem*.

O lume. O lume rasteiro. O lume
ainda. Vem de tão longe. Da casa
térrea sobre a eira,
casa onde qualquer coisa pequena
pulsava: um coração,
a água no cântaro,
o trigo a crescer.
Era tão pequeno que nem sabia
como pedir uma laranja,
um pouco de pão.
Menos ainda, um beijo.
Parecia só saber
estender as mãos para aquele sol
rasteiro e para o olhar
que dos sortilégios do lume
o defendia.⁽¹³³⁾

Mais uma vez, a leitura inteligente de Óscar Lopes – “Uma Espécie de Música”, obra já citada – define a aventura criadora do autor de “Contra a Obscuridade” como que indo à raiz ontológica do seu devir poético ao assinalar que “o espaço poético de Eugénio de Andrade é um espaço cheio e como que sagrado; o seu símbolo está na casa, a casa arquetípica em volta do fogo, com colunas ou aberturas para os deuses de cima; ou mais do que a casa está no barco, espécie de casa móvel, a cuja estabilidade, apenas relativa, se comunica a força viva do *vento*, na perspectiva de um mar ilimitado.” Para logo sublinhar que “a vida como plenitude, o *repouso* no coração do *lume*, ou, se preferem, a alternância entre o *ardor* e o *voo* a que ele imediatamente conduz entre a Primavera e o Verão.”⁽¹³⁴⁾

Pureza e simplicidade, eis o segredo do êxito (reconhecidamente nacional e internacional) de um falar poético que Eduardo Lourenço explica assim: “Talvez a essência e o milagre dessa singular transparência que tornaram a poesia de Eugénio de Andrade ao mesmo tempo a mais refinada e a mais popular do nosso tempo português, se cifre toda no facto de ser, na medida em que isso é possível, uma poesia sem sujeito. Poesia sem sujeito como o pode ser a do nosso contacto, impossivelmente inocente, com as realidades

⁽¹³³⁾ *Os Sulcos da Sede*, Eugénio de Andrade, Fundação Eugénio de Andrade, Porto, 2001, pág. 58.

⁽¹³⁴⁾ *Uma Espécie de Música*, Óscar Lopes, *op. cit.*

primordiais que nos inventam no acto em que as olhamos e nos devolvem sem meditação à nossa esquecida mas sempre presente condição celeste: a luz do sol, o fluir dos rios, o passar do vento, o ritmo das estações, a visão das árvores, o apelo dos frutos.”⁽¹³⁵⁾

A escrita de Eugénio de Andrade não é apenas uma fala “rente ao dizer”, ela é, também, uma escrita rente ao coração – coração do homem e do mundo. Da contingência dessa inevitabilidade na biografia de versos de Eugénio de Andrade nos fala o poeta nas palavras proferidas no Fundão, em 28 de Novembro de 1992, que identificam o seu fazer poético, e por isso será útil trazer à luz do dia, embora de forma fragmentária.

... Sou um homem com vocação para escutar. Vocação e paciência: fixa, imóvel, atenta ao rumor da luz, do coração batendo, ou simplesmente das palavras, quando se juntam para acasalar. Rumores que atravessam a nossa vida, se perdem na memória, regressam com as cabras, o focinho húmido dos primeiros orvalhos. Alguns desses rumores andam connosco desde menino, acabam perdidos num olhar; outros vêm de longe, de terras mordidas pelas vespas, morrem à minguia de música. Rumores do azul fremente da sombra, dos cães ladrando no adro; rumor da chuva, os pingos grossos prenunciando a agonia das cigarras e do verão sobre as oliveiras; rumor do sol entrando pelo quarto, gatinhando até à cama. Rumor de lágrimas. Rumor de lágrimas. Rumor de manhãs antigas de pátios caiados, a égua escouceando de impaciência. Rumor de lágrimas no escuro, de bocas infantis, sílabas breves: palavras que foram a primeira casa, o primeiro abrigo.⁽¹³⁶⁾

Eugénio explica depois a sua poesia no plano estético:

...Desde cedo, eu que tanto aspirei conciliar liberdade e contenção, vivi com frequência em equilíbrio precário. Rigor e transparência, o legado moral que recebi, e ao longo dos anos se foi apurando, dificilmente encontrava correspondência. Era fatal: a poesia seria o meu refúgio.

Vitorino Nemésio, um escritor que não devemos hesitar em pôr ao lado de Aquilino, Pessoa e Raul Brandão, isto é, entre os maiores deste século português, a propósito de um dos meus primeiros livros, falou em estética da povertà e apologia do desprendimento. Nem ele sabia, pois a vida não lhe permitiu acompanhar o meu trabalho, a que ponto acertou no alvo. Uma tal estética não podia, naturalmente, deixar de me aproximar cada vez mais de uma

⁽¹³⁵⁾ Eduardo Lourenço, prefácio à edição catelã de *Ostinato Rigare*, Barcelona, 1991.

⁽¹³⁶⁾ *Jornal do Fundão*, n.º 2415 de 4 de Dezembro de 1992.

linguagem substantiva, magra, seca, e tornar-me odiosas toda as formas de exibicionismo, a começar pelas culturais. Parco de haveres, nascido em terras onde a luz à noite era de azeite e o pão tinha a cor das pedras, todo o excesso me parece uma falta de gosto, todo o luxo uma falta de generosidade.

Dito isto, não poderá estranhar-se que me sinta tão religado ao solo pobre e arcaico da Grécia e à fecunda harmonia da sua cultura: o mar de Homero entre as colunas de Súnion, as ruas de Salónica com os muros acabados de cair, a sombra luminosa dos degraus de Epidauro onde ressoam ainda os versos supremos de Esquilo, têm para mim um prestígio que nenhum parque de Londres, ou praça de Paris, ou avenida de Nova York poderão alcançar a meus olhos.

E é numa terra assim magra, que de abundante só conhece a luz, que a carnal substância da vida descobre “a ordem no movimento”, e o espírito rompe do chão para se tornar pura evidência. Esta fragrância terrestre tornada geometria musical, esta embriaguês solar corrigida pelo sentido da medida são, desde há muito, a ambição talvez excessiva para a arte dos versos que é a minha.⁽¹³⁷⁾

Estar na vida pela poesia, eis a melhor legenda para o poeta Eugénio de Andrade que em dois versos soberbos fez a síntese do seu percurso, num poema que significativamente intitulou Balança:

No prato da balança um verso basta
Para pesar no outro a minha vida⁽¹³⁸⁾

Não me parece haver melhor declaração de amor à poesia do que esta capacidade para se julgar a si próprio, e, nesse julgamento – que diríamos sumário – manifestar total despojamento pessoal em favor do acto poético consumido “por essa paixão às coisas da terra e pelo meu desinteresse do que é mundo.”⁽¹³⁹⁾

Eugénio de Andrade sempre assumiu essa postura como natural solidão de quem tem o destino de procurar o absoluto. Nessa contingência radica porventura o silêncio do poeta e a sua margem – e um rigor oficial – para utilizar a expressão do seu amigo Carlos de Oliveira, que é o doloroso desafio da página branca.⁽¹⁴⁰⁾ “Porque essa brancura queima, arde silenciosa num fogo que ninguém vê.”⁽¹⁴¹⁾

⁽¹³⁷⁾ *Jornal do Fundão* de 4 de Dezembro de 1992. Opúsculo, com o título Palavras de Novembro, da Fundação Eugénio de Andrade.

⁽¹³⁸⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 487.

⁽¹³⁹⁾ *Jornal do Fundão*, *cit.*

⁽¹⁴⁰⁾ *O Aprendiz de Feiticeiro*, Carlos de Oliveira, ed. D. Quixote, Lisboa, 1971.

⁽¹⁴¹⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 409.

Não obstante o refúgio de quem unicamente vive para a escrita e o afastamento das coisas mundanas, apesar do seu sistemático desalinhamento com modas e capelinhas literárias, Eugénio de Andrade goza hoje de uma popularidade única sendo, comprovadamente, o poeta vivo português mais traduzido no estrangeiro.

Lembro-me dele me ter falado nas traduções das suas obras, designadamente a primeira, em França, de 1944, numa revista da Resistência, e de ter sublinhado que “a minha poesia não comparece em França no rasto da poesia de Fernando Pessoa, ao contrário do que se passa com quase toda a poesia publicada ultimamente.”⁽¹⁴²⁾

Mas o êxito da poesia de Eugénio de Andrade não é apenas ibérico ou europeu. A sua expressão é planetária, como o evidenciam o acolhimento à sua poesia no Vietname ou no Japão, o que apenas comprova o carácter universal da sua obra. Esse êxito levou-o a dizer-me, com alguma ironia, que “alguma coisa se passa com essa poesia desse pobre homem de Póvoa de Atalaia.”⁽¹⁴³⁾

Estamos perante uma poesia superior. E de uma obra que, como a metáfora do Livro de Areia de Jorge Luís Borges (“porque nem o livro nem a areia têm princípio nem fim”), é um eterno recomeço em louvor do Homem (*Ecce Homo*) e da plenitude do acto criador.

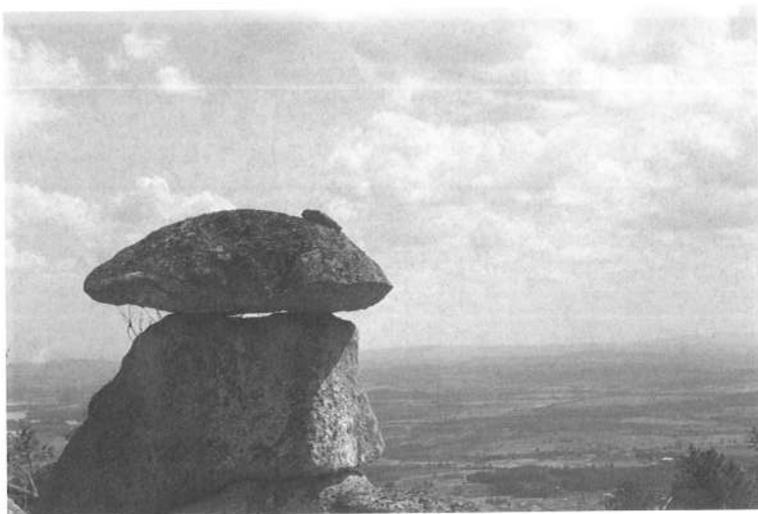
A leitura da obra de Eugénio de Andrade é um permanente reencontro com a grande poesia, que às vezes pode brotar de um verso apenas. Estamos perante a palavra no tempo, como queria Machado que a poesia fosse. Estamos face a um canto que consubstancia, também, a recusa de tudo aquilo que diminui o homem ou o rouba da sua elementar dignidade, um canto de plena libertação que nos conduz à fruição das coisas belas da vida, um canto que é a sagração do amor.

É verdade que não encontramos nos seus versos o recurso à retórica do panfleto. A sua sobriedade foge de tudo aquilo que é meramente circunstancial, e, mesmo quando se torna canto de revolta contra o crime à luz do dia (veja-se, por exemplo, o volume “Homenagens e Outros Epitáfios”⁽¹⁴⁴⁾), nos poemas “Elegia das águas negras para Che Guevara” (“Cada palavra tua é um homem de pé”) ou no “Discurso tardio à memória de José Dias Coelho” (“Morre-se

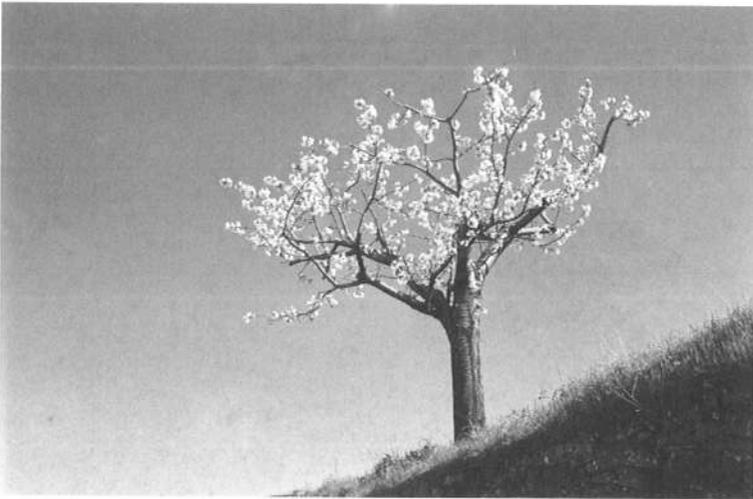
⁽¹⁴²⁾ Entrevista citada ao *Jornal do Fundão* n.º 2290 de 13 de Julho de 1990.

⁽¹⁴³⁾ *Idem*.

⁽¹⁴⁴⁾ *Homenagens e Outros Epitáfios*, foi publicado em 1974. A oitava edição é de 1993, publicada pela Fundação Eugénio de Andrade, Porto, 1993.



“Rumores do azul fremente da sombra ...”



“Um poema ou uma árvore podem ainda salvar o mundo ...”



Memórias da primeira neve



“Uma terra que só conhece a luz ...”



"Onde o pão tinha a cor das pedras"

de ter uns olhos de cristal”), a mensagem poisa sempre nos altos ramos da criação, fugindo à banalização do compromisso.

A poesia de Eugénio de Andrade nunca deixou de impor o amor com carácter de urgência, nunca deixou de celebrar as mãos como “os mais belos sinais da terra”, nunca deixou de cantar a comum humanidade que é a génese de um mundo melhor e a fonte das melhores utopias.

É urgente o amor.
É urgente um barco no mar.
É urgente destruir certas palavras,
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
Impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
permanecer.

É um poema de 1956 e muitas vezes circulou, em tempos de servidão e de liberdade expropriada, como canto livre que ia ao encontro das cidades futuras, como dizia Celaya.

A poesia de Eugénio é uma companheira de viagem, que nos segue em todos os continentes da imaginação e do pensamento. Essa estranha música que parece fazer corpo com a terra como se fosse o mundo inteiro a respirar toca o mais fundo do ser. Desde os primeiros versos até hoje, ali encontramos instantes únicos de arte poética e essa perplexidade do homem à procura de saber o mais profundo de si, de se olhar nos seus próprios olhos.

Uma suave música eleva-se do poema à medida que, sílaba a sílaba, o fazemos nosso através do prazer da leitura. Quantas vezes os arrancamos do silêncio dos livros para nos encostarmos ao rosto dos seus versos e aí encontrarmos toda a luz. Quantas vezes os seus versos se constituem a nossa fala primordial para a descoberta da liberdade livre que é a sua navegação pelos espaços futuros?

A matéria solar que se eleva das palavras de Eugénio de Andrade é o magma que conduz ao triunfo sobre a morte e sobre o tempo, que aí radica o grande desafio do acto criador.

A palavra nasceu:
nos lábios cintila.

Carícia ou aroma,
mal pousa nos dedos.

De ramo em ramo voa,
na luz se derrama.

A morte não existe:
tudo é canto ou chama.⁽¹⁴⁵⁾

É do triunfo da vida que fala a obra poética de Eugénio de Andrade, e às vezes com uma leveza em que a palavra flutua como “barco de vento”, uma música verbal que não nos cansamos de ler e ouvir, pois de cada vez o fenómeno é único e irrepitível. “Green God” é um dos mais conhecidos poemas de “As Mãos e os Frutos” e como nenhum outro parece oferecer-nos, com o milagre da simplicidade, o momento único da transcendência.

Trazia consigo a graça
das fontes quando anoitece.
Era o corpo como um rio
em sereno desafio
com as margens quando desce.

Andava como quem passa
Sem ter tempo de parar.
Ervas nasciam dos braços
quando os erguia no ar.

Sorria como quem dança.
E desfolhava ao dançar
o corpo, que lhe tremia
num ritmo que ele sabia
que os deuses devem usar.

⁽¹⁴⁵⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 76.

E seguia o seu caminho,
porque era um deus que passava.
Alheio a tudo o que via,
enleado na melodia
duma flauta que tocava.⁽¹⁴⁶⁾

Os versos de Eugénio também eles, como a poesia que os deuses devem usar, são capazes de nos enlear como sintomático ritual onde a noite não existe, porque só encontramos estrelas no céu da sua poesia (“iluminou-se o teu corpo na noite”) e as palavras abrem-se “à mais pura madrugada” nessa viagem interminável a um mundo em que o homem é a exacta medida de todas as coisas.

Nada podeis contra o amor.
Contra a cor da folhagem,
contra a carícia da espuma,
contra a luz, nada podeis.

Podeis dar-nos a morte,
a mais vil, isso podeis
– e é tão pouco.⁽¹⁴⁷⁾

Mas o seu canto é sempre de índole superior, densamente humano (“Não canto porque sonho. Canto porque és real”), triunfador sobre o silêncio e a dor, mesmo quando esta, incatrizável, impele a “ir com as aves”.

Poeta do amor, como acto de plenitude, livre e libertador, Eugénio de Andrade dá razão em muitos dos seus versos àquilo que António José Saraiva disse do ser humano, como ser demiurgo – “cada homem é um deus aprisionado no seu corpo”. A poesia do autor de “Os Amantes Sem Dinheiro” liberta, e, nesse acto de libertação – do corpo e do espírito –, gera mil cumplicidades numa poética em que o esplendor do corpo é o impetuoso rio da vida, “corpo habitado” onde o amor acontece, numa glorificação que atinge a plenitude do ser.

Poeta de “vocação eminentemente amorosa”, lhe chamou Natália Correia, caracterizando a sua poesia “formalmente tangente ao idioma surrealista mas sobretudo nativo – como já antes havíamos referido, acrescento eu – aos

⁽¹⁴⁶⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 23.

⁽¹⁴⁷⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 80.

Cancioneiros Medievais”.⁽¹⁴⁸⁾ De facto, “em Eugénio de Andrade há uma rigorosa coincidência entre amor e poesia”, como assinala Gastão Cruz nessa arte poética se fundindo o próprio complexo metafórico que é um traço distintivo da obra do autor de “Os Amantes Sem Dinheiro”.⁽¹⁴⁹⁾

Escalar-te lábio a lábio,
percorrer-te: eis a cintura,
o lume breve entre as nádegas
e o ventre, o peito, o dorso,
descer aos flancos, enterrar

os olhos na pedra fresca
dos teus olhos,
entregar-me poro a poro
ao furor da tua boca,
esquecer a mão errante
na festa ou na fresta

aberta à doce penetração
das águas duras,
respirar como quem tropeça
no escuro, gritar
às portas da alegria,
da solidão,

porque é terrível
subir assim às hastes da loucura,
do fogo descer à neve,

abandonar-me agora
nas ervas ao orvalho –
a glande leve.⁽¹⁵⁰⁾

⁽¹⁴⁸⁾ *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, Selecção, prefácio e notas de Natália Correia (Ilustrações de Cruzeiro Seixas) Afrodite, Lisboa, pág. 34.

⁽¹⁴⁹⁾ *A Poesia Portuguesa Hoje*, Gastão Cruz, Plátano Editora, Lisboa, 1973. Função e Justificação da Matáfora na Poesia de Eugénio de Andrade, pág. 99 e 100.

⁽¹⁵⁰⁾ *Poesia*, Eugénio de Andrade, *op. cit.*, pág. 147 e seguinte. De “Obscuro Domínio”.

Aqui temos “a poetização da carne, iluminada pelo espírito, cuja exaltação emana da embriaguês inspiradora da experiência erótica, pondo em causa o significado da comunhão sexual electiva”, que Natália Correia considera “o tópico da nossa mais qualificada poesia moderna.”⁽¹⁵¹⁾

O amor, a terra, o homem. É a Materna Casa da Poesia de Eugénio de Andrade. Uma casa comum, que os seus leitores habitam porque conhecem a arquitectura dos seus versos. Uma Casa feita sílaba a sílaba, onde a Escrita da Terra é sempre uma escrita do coração, um alfabeto de esperança que ilumina os dias e nos faz reconciliar com o tempo. Uma Casa onde aprendemos a amar o efémero pois todos, afinal, estamos de passagem, como dizem os seus versos. Eis a Materna Casa da Poesia de Eugénio de Andrade. Basta abrir um livro seu – e entrar. É a poesia que nos acolhe, “uma poesia perto da fala, do ritmo de cada uma das sílabas com que dizeis pão, água, vento, poeira”.⁽¹⁵²⁾

Mesmo num tempo em que, como disse o poeta, em que “a terra está a ficar inabitável” e “o deserto não tem parado de crescer”, para Eugénio de Andrade “um poema ou uma árvore podem ainda salvar o mundo.”⁽¹⁵³⁾

“Na porosa fronteira do silêncio”, os versos de Eugénio de Andrade são uma magnífica âncora de esperança. E nunca teremos palavras para lhe agradecer “como a terra seca agradece à água” o “quase tudo” que “a poesia misteriosamente é” e que Eugénio tanto nos tem oferecido, para repartirmos como o pão, como Neruda queria que os versos fossem distribuídos.

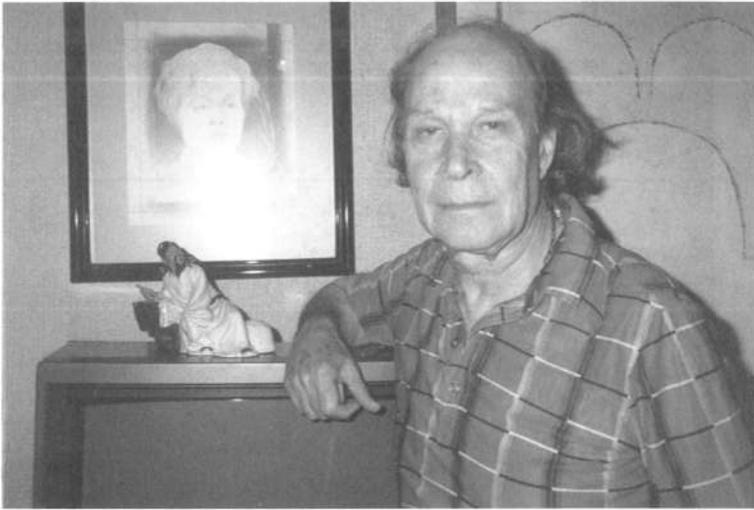
⁽¹⁵¹⁾ *Antologia de Poesia Erótica e Satírica, op. cit.*, pág. 34.

⁽¹⁵²⁾ Como Nasceu a Poesia: palavras de Eugénio de Andrade lidas por Arnaldo Saraiva, na inauguração da Rota dos Escritores, em Castelo Novo, 19 de Janeiro de 2003. *Jornal do Fundão* de 24 de Janeiro de 2003-08-31.

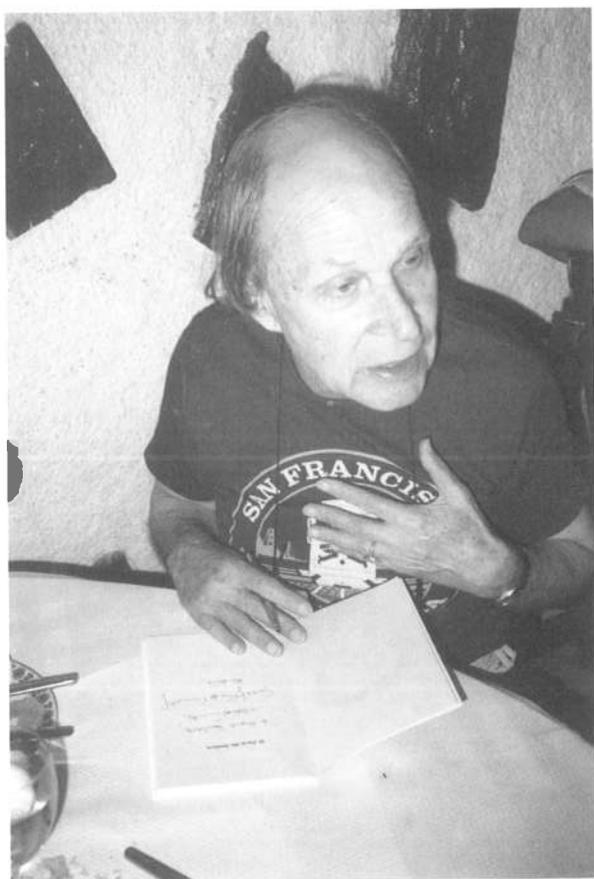
⁽¹⁵³⁾ *Idem.*



Eugénio de Andrade no Porto em fotografia de Dario Gonçalves



Outra foto de Eugénio de Andrade no Porto

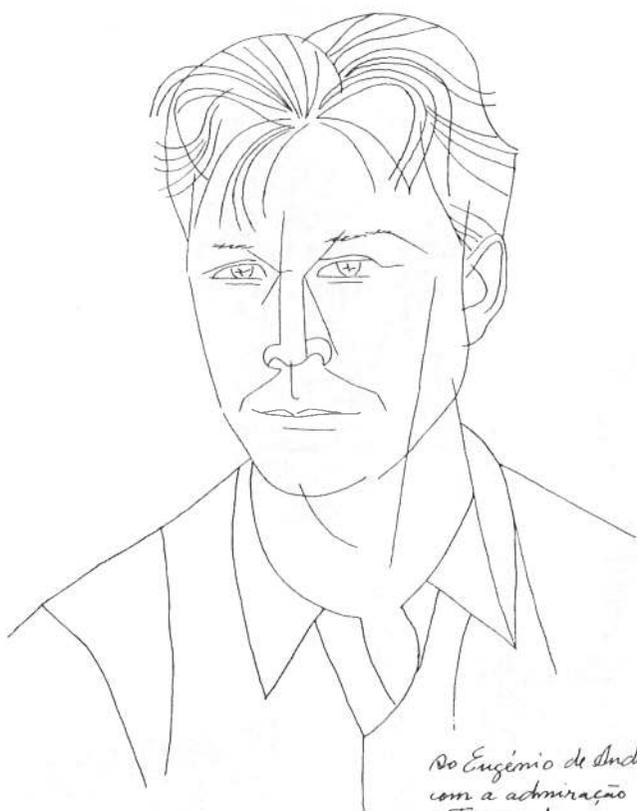


No Fundão, assinando uma dedicatória num dos seus livros

Principais elementos biográficos

Elementos colhidos na Fundação Eugénio de Andrade





No Eugénio de Andrade
com a admiração e
estima de
Augusto Gomes
53



Eugénio de Andrade numa sessão de poesia

- 1923 – 19 de Janeiro. Nasce em Póvoa de Atalaia, concelho do Fundão, Beira Baixa. Filho e neto de camponeses, uns muito abastados, outros menos. Ascendência espanhola por parte da avó materna, natural de Valverde del Fresno, Cória.
- 1929 – Frequenta a escola primária.
- 1930-31 – Reside em Castelo Branco, onde continua os estudos primários.
- 1932 – Passa a residir em Lisboa, onde conclui, em colégio particular, a instrução primária. Matricula-se no Liceu de Passos Manuel, mudando-se para a Escola Machado de Castro, após concluir o primeiro ano. Terminado o curso geral nesta Escola, retoma os estudos liceais, como voluntário.
- 1935 – Lê muito. Eça, Dostoievsky, Tolstoi e Gorky. Primeiros contactos com a poesia escrita: Junqueiro, Bécquer e António Botto.
- 1936 – Passa o tempo na biblioteca da Rua Ivens. Começa a escrever versos.
- 1938 – Conhece António Botto. Um amigo deste revela-lhe a poesia dos «presencistas» e de Fernando Pessoa. Nesse ano e no seguinte, passa na Biblioteca Nacional horas e horas, copiando para cadernos escolares a poesia de Pessoa. Descobre Pessanha.
- 1939 – Amizade com Joel Serrão. Publica os primeiros versos num jornal que este dirige – *Horizonte*. Contacta com a poesia de Rimbaud, Verlaine, Lorca e Torga. Poesia medieval.

- 1942 – Publica *Adolescente*, dedicado à memória de Fernando Pessoa.
- 1943 – Passa a residir nos arredores de Coimbra. Amizade com Afonso Duarte, Miguel Torga, Eduardo Lourenço e Carlos de Oliveira.
- 1944 – Serviço militar em Tavira, Lisboa e Coimbra. Publica *Pureza*. Este livro e o anterior serão renegados pelo autor. Começa a escrever *As Mãos e os Frutos*.
- 1946 – Publicação de *Antologia Poética* de Federico Garcia Lorca. Passa o Verão na Barca do Lago. No Outono, deixa Coimbra e regressa a Lisboa. Leva quase concluído *As Mãos e os Frutos*, de que faz leituras a alguns amigos, entre os quais Miguel Torga.
- 1947 – Começa a escrever *Os Amantes sem Dinheiro*. Primeiras viagens: Espanha, França, Holanda. Ingressa nos quadros do funcionalismo corporativo, com funções de inspetor administrativo. Amizade com Sophia de Mello Breyner.
- 1948 – *As Mãos e os Frutos*.
- 1949 – Amizade com Mário Cesariny.
- 1950 – *Os Amantes sem Dinheiro*. Quase em fins deste ano, por razões profissionais, passa a residir no Porto.
- 1951 – *As Palavras Interditas*. Amizade com Teixeira de Pascoais.
- 1952 – Estada em Madrid. Amizade com Vicente Aleixandre e Ángel Crespo. Estreita a amizade com Jorge de Sena.
- 1956 – Morte de sua mãe em 14 de Março. *Até Amanhã* (com desenhos originais de Jean Cocteau). Amizade com Agustina Bessa-Luís.
- 1958 – *Coração do Dia*.
- 1959 – Primeira viagem à Itália. Óscar Lopes realiza, na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, um colóquio sobre a poesia de Eugénio de Andrade.
- 1960 – Primeiro encontro com Marguerite Yourcenar. Ciclo de melodias de Lopes-Graça «*As Mãos e os Frutos*». Férias no Sul de Espanha (Granada, Fuente Vaqueros, Viznar) e em Maiorca. Visita Madrid no Inverno.

- 1961 – Visita a Galiza. Passa férias no País Basco. Aí termina a primeira série de poemas de *Mar de Setembro*, publicado em edição fora do mercado. Antologia.
- 1962 – Viagem pelo Sul de Espanha: Granada, Córdova, Málaga, Ronda.
- 1963 – Edição muito aumentada de *Mar de Setembro*.
- 1964 – *Ostinato Rigore*. Visita outra vez a Galiza.
- 1966 – *Poemas (1945-1965)*.
- 1967 – O *Jornal de Notícias* dedica todo o seu suplemento literário a Eugénio de Andrade: Vinte Anos de Poesia. Férias em Londres. Visita Oxford, Cambridge e Stratford.
- 1968 – *Os Afluentes do Silêncio. Eros de Passagem* (com desenhos de José Rodrigues), *Trinta e Seis Poemas* e *Uma Aleluia Erótica* de Federico Garcia Lorca e *Daqui Houve Nome Portugal*. Viagem à Grécia: Corfu, Delfos, Aulis, Atenas, Súnion, Elêusis, Corinto, Argos, Tebas, Epidauro, Mistra, Olímpia e Micenas. Com Oscar Lopes, presta homenagem, no Ateneu Comercial do Porto, a Camilo Pessanha, por ocasião do aniversário do seu nascimento.
- 1969 – *Cartas Portuguesas*, com desenhos de José Rodrigues. Férias em Fuengirola. Visita novamente Ronda, Málaga, Cadiz.
- 1971 – *Obscuro Domínio, Memórias de Alegria*. Visita a Alemanha Federal, a convite do Governo alemão. Visita a Suíça.
- 1972 – Nova visita à Galiza. Férias em Marbella. *Antologia Breve* e *Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões. Variações sobre um Corpo*, com desenhos de José Rodrigues.
- 1973 – Primeiro volume de «*Obra de Eugénio de Andrade*»: *As Mãos e os Frutos / Os Amantes sem Dinheiro. Véspera da Água*. Férias em Paris.
- 1974 – Homenagem do *Jornal do Fundão. Escrita da Terra e Outros Epitáfios*, edição bilingue, em tradução italiana de C. V. Cattaneo e desenhos de Ângelo de Sousa. Poemas e Fragmentos de Safo. Férias em Paris.
- 1975 – Publica-se em Roma uma antologia bilingue de poesia sua, com o título de *Ostinato Rigore*, introdução, selecção e tradução de C. V. Cattaneo. *Eugénio de Andrade, Poeta*, filme para a R.T.P.,

de Arnaldo Saraiva e Correia Alves. Férias em Paris e Roma. Colabora nas homenagens a Rainer Maria Rilke.

- 1976 – Na noite de 3 de Abril, faz uma leitura pública e comenta cerca de 50 poemas, no Museu Tavares Proença, em Castelo Branco, cidade que visita pela primeira vez como escritor. *Limiar dos Pássaros*. Amizade com Herberto Helder, João Miguel Fernandes Jorge e Joaquim Manuel Magalhães. Exposição na Fundação Eng. António de Almeida «Eugénio de Andrade: Trinta anos de trabalho», e colóquios orientados por Eduardo Prado Coelho, Joel Serrão e Óscar Lopes, com a colaboração de Lopes Graça, Eunice Muñoz e João Perry.
- 1977 – *Primeiros Poemas*.
- 1978 – *Memória doutro Rio*. Lê poemas seus na Unesco (Festival Internacional de Poesia) e participa no 15.º Encontro Internacional de Outubro de Escritores de Belgrado. Nessa altura Vasco Popa convida-o a ler poesia em Varchats.
- 1979 – *Rosto Precário*.
- 1980 – *Matéria Solar. Poesia em Verso e Prosa* (Círculo de Leitores). *Poesia e Prosa (1949-1979)*. *Trocar de Rosa*.
Nasce Nuno Miguel, seu afilhado, a 11 de Março. É convidado pela Câmara Municipal de Matosinhos a inaugurar o monumento a António Nobre.
- 1981 – Publica-se em Espanha *Antologia Poética (1940-1980)*, versão e pref. de Ángel Crespo, e no México, *Brevíssima Antologia*. Participa no 1.º Festival Internacional de Poesia do México, e é convidado pela TV mexicana para uma mesa-redonda com Cabral de Melo Neto, Álvaro Mutis e Marco António de Oca. Primeiro encontro com J. L. Borges.
- 1982 – *O Peso da Sombra*. Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago. Leitura pública no Ateneu Comercial do Porto com Guillevic. Participa no 6.º Congresso Mundial de Poetas (Madrid). Participa em Quatro Dias de Cultura Portuguesa (Sevilha).
- 1983 – Publica-se na Itália *Memória d'un altro Fiume* e em França *Vingt-sept Poèmes d'Eugénio de Andrade*.

Em Junho participa em Praga na Assembleia Mundial para a Paz. Primeiro encontro com Rafael Alberti. Membro correspondente da Académie Mallarmé de Paris.

- 1984 – *Branco no Branco*. Participa no 7.º Congresso Mundial de Poetas, em Marraqueche, visitando depois Meknes, Fez, Rabat e outros locais de Marrocos.
- 1985 – Leituras de poesia em Granada (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e La Madraza) e em Cuenca (Jornadas Poéticas). Sai em Granada *Blanco en lo Blanco* e em Oviedo *Memória d'Outru Riu*. Participa, em Corfu, no VIII Congresso Mundial de Poetas, e aproveita a ocasião para visitar ou visitar várias cidades da Grécia. É publicada nos EUA a primeira colectânea de poemas seus traduzidos para inglês por Alexis Levitin: *Inhabited Heart: The Select Poems of Eugénio de Andrade*. A Câmara Municipal do Porto concede-lhe a Medalha de Mérito da Cidade.
- 1986 – Publica *Aquela Nuvem e Outras, poemas para crianças*, logo musicados por Lopes-Graça. Prémio da Associação dos Críticos Literários. Participa no IX Congresso Mundial de Poetas, em Florença. Leituras de poesia no King's College, na Society of Poetry da Universidade de Oxford, no Festival Internacional de Barcelona, no Círculo de Bellas Artes de Madrid e em Jerez de la Frontera. Sai em França *Matière Solaire* e *Le Poids de l'Ombre*.
- 1987 – Publica, em três volumes, nova edição de *Poesia e Prosa* [1940-1986] que inclui o conjunto original *Contra a Obscuridade*, além de vários textos em prosa e novas traduções; é também editado *Vertentes do Olhar*.
É publicado em Valência o primeiro livro traduzido para catalão por Vicent Berenguer: *Matéria Solar*. São publicadas outras traduções da sua obra: em Madrid, *Vertientes de la Mirada y Otros Poemas en Prosa*; na Venezuela, *Blanco en lo Blanco*; nos Estados Unidos, *White on White*.
- 1988 – Publica *O Outro Nome da Terra* e *Sulcos do Olhar*. Viagem aos Estados Unidos e ao Canadá: lê poemas seus em várias Universidades. Viagem a Espanha; lê poemas em Oviedo. Recebe a medalha

- de ouro do Concelho de Oeiras e a Grã-Cruz da Ordem de Mérito, o Prémio Dom Dinis que lhe atribui a Fundação da Casa de Mateus pela obra *Vertentes do Olhar*. Traduções: em Pamplona, *Contra la Oscuridad*; em Oviedo, *Poemas e Contra la Escuridá*; em Paris, *Ecrits de la Terre, Blanc sur Blanc*, e *Femmes en Noir*; em Minneapolis, *Memory of Another River*.
- 1989 – Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (pelo livro *O Outro Nome da Terra*); Prémio Jean Malrieu para o melhor livro de poesia estrangeira publicado em França (*Blanc sur Blanc*). Recebe a Medalha de Honra da Cidade do Porto. Viagens a Espanha e a França. Traduções: Em Valência, *El Otro Nombre de la Tierra*; em Málaga, *El Deseo*; em Paris, *Alentejo e Dix Poèmes contre l'Obscurité*.
- 1990 – É publicada a 4.^a ed. de *Poesia e Prosa, Canção do Mais Alto Rio e Uma Casa para a Poesia* (textos sobre Pascoaes). Viagens a França (em Bordéus lê poemas e recebe a medalha da cidade), às Canárias e a Macau, onde o Instituto Cultural promove a exposição Eugénio de Andrade – Retratos. Traduções: Paris, *Versants du Regard et Autres Poèmes en Prose*, e *L'Autre Nom de la Terre*, em Roma, *Vigilia dell'Aqua*, em Macau (em chinês), *Com Palavras Amas*; no País Basco, *Véspera da Água* (em éuscaro).
- 1991 – Um grupo de amigos (Duarte Correia, Gervásio Moura, Dario Gonçalves, Resende Barbosa, Emerenciano, Arnaldo Saraiva) decide criar a Fundação Eugénio de Andrade, e obtém o apoio da Câmara Municipal do Porto, que, através do presidente Fernando Gomes e do vereador Armando Pimentel, lhe destina uma casa então em ruínas, logo reconstruída sob a direcção dos arquitectos Carlos Loureiro e Pádua Ramos, na Rua do Passeio Alegre, Foz. O Centre Regional des Lettres d'Aquitaine homenageia a poesia de Eugénio de Andrade no decurso dos encontros culturais Aquitânia-Porto. Medalha de Ouro de Mérito Municipal da Câmara do Fundão. Publica *Com o Sol em Cada Sílabas*. Em Barcelona, aparece a tradução em catalão de *Ostinato Rigore*. No Brasil é-lhe atribuído o Prémio APCA.
- 1992 – Publica *Rente ao Dizer, Poesia - Terra de Minha Mãe, O Comum da Terra e Insurreição da Carne* (Málaga). Em vários lugares são

comemorados os «50 anos de Poesia» de Eugénio de Andrade. As Câmaras Municipais de Ponta Delgada (27 de Março - 2 de Abril) e do Fundão (28 de Novembro - 6 de Dezembro) organizam exposições e sessões em que o poeta lê poemas e intervêm autarcas, críticos e poetas, que dão origem aos opúsculos *Eugénio de Andrade nos Açores* e *50 anos de Poesia*, bem como ao catálogo (organizado por Ângela Almeida) *Eugénio de Andrade: a água, a terra, o fogo e o ar*. O *Jornal do Fundão* (27 de Novembro) dedica um suplemento especial a Eugénio de Andrade. No Fundão, de que é cidadão honorário, é dado o seu nome a uma avenida, e em Póvoa de Atalaia descerrada uma placa na Casa da Eira, onde o poeta viveu em criança. Traduções: na Flórida, *Slopes of a Gaze*; em Paris, *Approche de l'Eau*, na Corunha, *De Tanto Ollar*.

- 1993 – Publica *À Sombra da Memória, A Cidade de Garrett e 30 Poemas*. O Presidente da República, Mário Soares, inaugura a 26 de Novembro a sede da Fundação Eugénio de Andrade. A Casa das Artes do Porto promove, a 2 de Abril, um concerto de obras de Lopes Graça sobre poemas de Eugénio de Andrade, com a presença do compositor. A 5 e 6 de Novembro, realização do Colóquio Internacional sobre Eugénio de Andrade, organizado pela Fundação de Serralves e pela Fundação Eugénio de Andrade, com a coordenação de Fernando Pernes e Arnaldo Saraiva. Por ocasião deste Colóquio, são apresentados publicamente, em sessões da Casa das Artes do Porto, os filmes que Jorge Campos realizou para a RTP *Eugénio de Andrade, o Poeta e Rosto Precário*, e são cantadas as melodias que Lopes Graça compôs sobre os poemas de *Aquela Nuvem e Outras*. Tradução: em Salamanca, *Próximo al Decir*.
- 1994 – Publica *Ofício de Paciência*. Em Janeiro, a Câmara Municipal de Coimbra presta-lhe uma homenagem, e descerra uma lápide na Quinta da Urgeiriça, onde viveu. Em Fevereiro, muda-se da Rua Duque de Palmela, 111, onde morava desde 1950, para a sede da Fundação Eugénio de Andrade. Tradução: em Lérida, *Ran ai Dir*.
- 1995 – A 14 de Fevereiro abre oficialmente ao público a Fundação Eugénio de Andrade. Nomeado membro fundador da Academia Internacional «Mihai Eminescu» (Roménia). Traduções: chinesa de *O Outro Nome da Terra*, americana (em Fort Bragg, Califórnia)

- de *Matéria Solar – Solar Matter* – e castelhana (Madrid) de *Ofício de Paciência – Ofício de Paciência*.
- 1996 – Prémio Europeu de Poesia da Comunidade de Varchatz (República da Jugoslávia). Traduções: em Providence, *The Shadow's Weight*; em Madrid, *Aquella Nube y Otras*. Nas comemorações dos 50 anos do *Jornal do Fundão*, é tocada uma peça sinfónica, da autoria do maestro e compositor Luís Cipriano, sobre o poema *Sete Espadas para uma Melancolia*, de Eugénio de Andrade. Interpretada pelo Coro Misto do Conservatório Regional de Música da Covilhã e pela Orquestra de Cordas, Tímpanos e Percussão da Epabi.
- 1997 – Lançamento no mercado de um CD com 42 poemas lidos pelo autor, *Eugénio de Andrade por Eugénio de Andrade*. Organizado pela Areal Editores, realiza-se no Porto o 2.º Encontro de Professores de Português: Homenagem a Eugénio de Andrade. Publica *Pequeno Formato* e uma nova edição aumentada de *Alentejo*, com desenhos de Armando Alves, lançada por ocasião de uma exposição bio-bibliográfica na Biblioteca Municipal de Beja. Traduções: na Itália, *Ufficio de Pazienza*; em Munique, *Stilleben mit Fruchten-*, em Sofia, *30 Poemas*; na Califórnia, *Another Name for Earth*.
- 1998 – Colabora num vídeo para o Ministério da Educação (Estrutura de Projecto do Ensino Básico Mediatizado). Termina um novo livro de poemas, *Os Lugares do Lume*. Publica *Os Lugares do Lume. Poemas*. Traduções: em Itália, *Nuovi deli*, com gravuras de Nunzio Gulino, e *Sale della Lingua*.
- 1999 – Publica, no Rio de Janeiro, *Poemas de Eugénio de Andrade*, selecção, estudo e notas de Arnaldo Saraiva, e em Portugal *Antologia Pessoal da Poesia*. Traduções: *Cartas Portuguesas*, atribuídas a Mariana Alcoforado, trad. japonesa e estudos de Masayasu, Tóquio; *Le Sel de la Langue*, trad de Michel Chandeigne, Paris;
- 2000 – Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores. Prémio Celso Emílio Ferreiro, Galiza. Prémio da Junta da Extremadura. Publica *Poesia*, que fixa a sua obra poética. Traduções: *À l'Approche des Eaux*, trad. de Michel Chandeigne, Paris; *Close to Speech*, trad. de Alexis Levitin, Califórnia.
- 2001 – Prémio Camões.

Dados Bibliográficos de Eugénio de Andrade



A obra de Eugénio de Andrade tem início em 1942 com *Adolescente*, livro hoje renegado, juntamente com *Pureza*, de 45, dos quais fez mais tarde uma selecção que designou por *Primeiros Poemas* (77), é constituída, principalmente, pelos seguintes títulos de *poesia*:

- As Mãos e os Frutos* (48), 19.^a edição, Fundação Eugénio de Andrade, 2000;
- Os Amantes sem Dinheiro* (50), 15.^a ed., FEA, 2000;
- As Palavras Interditas* (51), 10.^a ed., Limiar, 1990;
- Até Amanhã* (56), 10.^a ed., Limiar, 1990;
- Coração do Dia* (58), 11.^a ed. FEA, 1994;
- Mar de Setembro* (61), 12.^a ed., FEA, 1994;
- Ostinato Rigore* (64), 11.^a ed., FEA, 1997;
- Poemas* (1945-1966), 3.^a ed. 1971. Esgotado;
- Obscuro Domínio* (71), 8.^a ed., FEA, 2000;
- Véspera de Água* (73), 6.^a ed., Limiar, 1990;
- Escrita da Terra* (74), 5.^a ed., Limiar, 1983;
- Homenagens e Outros Epitáfios* (74), 8.^a ed., FEA, 1993;
- Limiar de Pássaros* (76), 7.^a ed., FEA, 1994;
- Memória Doutro Rio* (78), 4.^a ed., Limiar, 1985;
- Poesia e Prosa* (1940-1989), 4.^a ed., O Jornal/Limiar, 1989. Esgotado;
- Matéria Solar* (80), 5.^a ed., FEA, 2000;
- O Peso da Sombra* (82), 3.^a ed., Limiar, 1989;
- Branco no Branco* (84), 5.^a ed., FEA, 1993;
- Vertentes do Olhar* (87), 3.^a ed., FEA, 1998;
- O Outro Nome da Terra* (88), 2.^a ed., Limiar, 1989;
- Contra a Obscuridade* (88), 5.^a ed., FEA, 1993;

Rente ao Dizer (92), 2.^a ed., FEA, 1992;
Poesia, Terra de Minha Mãe (92), Ed. Asa;
Ofício de Paciência (94), 2.^a ed., FEA, 2000;
O Sal da Língua (95), 2.^a ed., FEA, 1996;
Pequeno Formato (97), 2.^a ed., FEA, 1997;
Os Lugares do Lume (98), 2.^a ed., FEA, 1998;
Poemas de Eugénio de Andrade, selec., est. e notas de Arnaldo Saraiva, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999;
Poesia, FEA, 2000.

Prosa

Os Afluentes do Silêncio (68), 9.^a ed., FEA, 1997;
Rosto Precário (79), 6.^a ed., FEA, 1995;
À Sombra da Memória, FEA, 1993.

Antologia

Daqui Houve Nome de Portugal (68), 4.^a ed., Ed. Asa, 2000;
Memórias de Alegria (71), 2.^a ed., Campo das Letras, 1996;
Antologia Breve (72), 7.^a ed., FEA, 1999;
A Cidade de Garrett (93), 3.^a ed., FEA, 1997;
Fernando Pessoa, Poesias Escolhidas (95), 5.^a ed., Campo das Letras, 2000;
Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões (72), 5.^a ed., Campo das Letras, 1998;
Eros de Passagem (82), 3.^a ed., Campo das Letras;
Alentejo (93), 2.^o ed. aumentada, Campo das Letras, 1997.

Para Crianças

História da Égua Branca (77), 7.^a ed., Campo das Letras, 2000;
Aquela Nuvem e Outras (86), 8.^a ed., Campo das Letras, 1999.

Tradução

Poemas de Garcia Lorca (46), 5.^a ed., FEA, 2000;
Cartas Portuguesas, atribuídas a Mariana Alcoforado (69), 8.^a ed., Assírio e Alvim, 1993;
Poemas e Fragmentos de Safo (74), 5.^a ed., FEA, 1995;
Trocar de Rosa (Reverdy, Char, Ritsos, Borges, etc.), 1980, 5.^a ed., FEA, 1995.

Fotobiografia

O Mais Íntimo Amigo do Sol, FEA e Campo das Letras, Porto, 1998.

Bibliografia Consultada



Além das obras de Eugénio de Andrade, já referidas, indica-se sucintamente a seguinte bibliografia:

Barros, Jorge e Soledad Martinho Costa – *Festas e Tradições Portuguesas*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.

Candeias da Silva, Joaquim – *O Concelho do Fundão – História e Arte*, Câmara Municipal do Fundão, 2002.

Carlos de Oliveira – *O Aprendiz de Feiticeiro*, Ed. Dom Quixote, Lisboa, 1971.

Cochofel, João José – *Iniciação Estética, seguido de Críticas e Crónicas*, Ed. Caminho, Lisboa, 1992.

Correia, Natália – *Antologia da Poesia Erótica e Satírica*, Afrodite, Lisboa, 1973.

Cruz, Gastão – *A Poesia Portuguesa Hoje*, Plátano Editora, Lisboa, 1973.

Houaiss, António – *Drummond, mais seis poetas e um problema*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

Gibson, Ian – *Vida, Pasión Y Muerte de Federico Garcia Lorca*, Plaza&Janés Editores, Barcelona.

Godinho, Vitorino Magalhães – *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Arcádia, 2.^a ed., Lisboa, 1965.

Jorge de Sena – *Poesia de 26 Séculos*, Fora do Texto, Coimbra, 1993. *Obras de Jorge de Sena, O Dogma da Trindade Poética (Rimbaud) e Outros Ensaios*, Ed. Asa, Porto, 1994.

Ladurie, Le Roy – *Le Territoire de l'Historien*, Galimard.

Lisboa, Eugénio – *Poesia Portuguesa do Orpheu ao Neo-Realismo*, Biblioteca Breve, Ministério da Educação, 1986.

- Lopes, Óscar – *Uma Espécie de Música*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Machado, António – *Antologia Poética*, Ed. Cotovia, Lisboa, 1989.
- Mattoso, José – *História de Portugal*, vol. VII, Círculo de Leitores, Lisboa, 1992.
- Martins, Albano – *Dez Poetas Italianos Contemporâneos*, Dom Quixote, Lisboa, 1992.
- Pinto do Amaral, Fernando – *Eugénio de Andrade, 50 anos de poesia*, Câmara Municipal do Fundão e FEA, Fundão, 1992
- Prado Coelho, Eduardo – *O Reino Flutuante*, Edições 70, Lisboa, 1972.
- Ramos Rosa, António – *Incisões Oblíquas*, Ed. Caminho, Lisboa, 1987; *A Parede Azul – Estudos sobre poesia e artes plásticas*, Ed. Caminho, Lisboa, 1991.
- Rangel, Flávio e Millôr Fernandes – *Liberdade, Liberdade*, Editora Civilização Brasileira S.A., 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1966.
- Ransmayr, Christoph – *Le Dernier des Mondes*, Flammarion, Paris, 1989.
- Ribeiro, Aquilino – *Aldeia – Terra, Gente, Bichos*. Bertrand, Lisboa, 1964.
- Saraiva, Arnaldo – *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*, FEA, Porto, 1995; *Eugénio de Andrade por Arnaldo Saraiva*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1987.
- Simões, João Gaspar – *Itinerário da Poesia Portuguesa*, Arcádia, Lisboa, 1964.
- Vieira, Joaquim – *Portugal Século XX*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1999.

Índice



1. Uma biografia feita de versos	7
2. Territórios da infância, “falar materno”	27
3. Um ser da terra	39
4. Um céu de camponeses	53
5. Referência lírica e estrutura poemática	75
6. Eugénio de Andrade e Garcia Lorca – a força da raiz telúrica	89
7. Escrita da Terra – escrita do coração	105
Principais elementos biográficos	139
Dados Bibliográficos de Eugénio de Andrade	151
Poesia	151
Prosa	154
Antologia	154
Para Crianças	154
Tradução	154
Fotobiografia	154
Bibliografia Consultada	155

